



MEMÓRIAS KARIRI



TEMPOS DE PANDEMIA



12

ÍNDICE

Foto: Rodolfo Santana

22

Cada sala um
home office **04**

Quarentena
indígena **12**

A Batalha
Travada Além
Dos Dois Metros **22**

Macondo é aqui **34**

A solidão de
Padre Cícero **42**

48

Lápis, papel e
salas de aula **48**

Rabecas, oratórios
e pandemia **64**





CADA SALA UM HOME OFFICE, CADA TELA UMA OFICINA

Por: Bibiana Belisário

De um pequeno aglomerado de casas, uma capela e uma população de pouco mais de dois mil habitantes em fins do século XIX, Juazeiro do Norte cresceu e espalhou-se criando centros comerciais e de serviços em seu território em direções diferentes, descentralizando o privilégio do centro. Em 2020, não diferente das outras cidades, teve seus portões fechados decorrente da pandemia gerada pela Covid-19, levando os negócios para dentro de suas casas, mas contrariando o Padre Cícero Romão Batista e determinando que: cada sala um home office, cada tela uma oficina.

Os bairros Pirajá, Lagoa Seca, Triângulo e Centro estão segmentados em mercados populares, serviços, atacarejo e luxo. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018) aponta que a economia do município tem o quarto maior Produto Interno Bruto do estado do Ceará e de acordo com o Índice de Potencial de Consumo

(IPC Maps) de 2018, são 18.550 estabelecimentos que compõem a economia local, estando o comércio em primeiro lugar com 9.291 varejistas e 589 negócios atacadistas, seguidos dos serviços com um número de 8.670 empresas.

O ditado do Padre Cícero foi reinventado assim como as formas de consumo. Os quintais passaram a ser as telas de celulares e computadores, que abrigaram em aplicativos e redes sociais novas estratégias para geração de renda que impactaram diretamente nos hábitos de consumo do juazeirense.

Na pesquisa Impactos nos Hábitos de Compra e Consumo realizada no mês de maio de 2020, pela Secretaria de Desenvolvimento e Inovação (SEDECI) do município, é apresentado que 78% dos consumidores tiveram queda na renda mensal durante a quarentena. Apenas 10% relataram ter estabelecido novo vínculo empregatício nes-



Funcionário da Secretaria de Meio Ambiente Serviços Públicos (Semasp) em fiscalização no centro de Juazeiro do Norte

Foto: Lino Fly | Assessoria de Comunicação Prefeitura Juazeiro do Norte

se período. Pensar em novas formas para a reativação das atividades econômicas, onde um cenário apresenta desemprego e baixo consumo, se faz necessário para garantir a sobrevivência das pequenas e grandes empresas.

Vale ressaltar que a pesquisa foi aplicada no centro da cidade, no Cariri Garden Shopping e no Shopping Plaza.

Os deliverys e as compras digitais

Com o trabalho home office, os deslocamentos na cidade diminuíram substancialmente nos primeiros meses de isolamento social, alavancando o serviço de delivery e as compras por aplicativos como o WhatsApp e Instagram.

Michel Araújo, ex-secretário da SEDECI e atual vice-presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Juazeiro do Norte (CDL), chama atenção para o cenário que se inverteu. "O cliente não vai mais até o negócio, o negócio passou a ir até o cliente para realizar a venda", afirma que as novas formas serão mantidas mesmo com a retomada total do comércio e serviços, pois o empresário está voltando ao mercado com duas empresas, uma física e outra digital.

Em 2020, foi realizado ainda pela mesma Secretaria um trabalho de divulgação de deliverys a partir de um cadastramento no site oficial da Prefeitura, que impulsionou o mercado alimentício, sendo o menor impactado. A pesquisa citada acima mostra ainda que 62% dos consumidores realizaram compras digitais, tendo 42,2% utilizado o WhatsApp, 38,6% o Instagram e 19% aplicativos e sites. Jor

A advogada Josefa Costa, que em 2020 atuou como Diretora de Comércio e Serviços da SEDECI, conta que a ferramenta para difusão dos serviços de entrega só surtiu efeito nos primeiros meses e que posteriormente, foram sendo adotadas publicações e publicidades independentes. Ainda completa: "A pandemia forçou as empresas daqui, que já estavam atrasadas nesse tipo de serviço, a adotarem novas estratégias e

canais para distribuição de seus produtos, como o delivery e a venda online".

O que contam os comerciantes

*Obs: Os entrevistados abaixo preferiram não se identificar, por isso, utilizarei Comerciante 01 e Comerciante 02 e Comerciante 03, para nomear as falas. Vale evidenciar que na ordem decrescente, temos negócios de grande, médio e pequeno porte.

A importância da inclusão digital e da educação midiática ganhou maior visibilidade no cenário pandêmico, devido à necessidade da utilização de meios de comunicação online para realização de trabalhos e com a popularização do home office. Porém, aqueles que têm a chance de utilizar-se deste sistema, ainda são privilegiados em um país encurralado pelo vírus.

É fato que não existe uma realidade onde todos possuem a habilidade de participar de forma ativa ao mundo conectado em que vivemos e o acesso aos meios digitais e redes sociais para sobrevivência de negócios e estabelecimentos se tornou um desafio para muitos.

A exemplo disso, temos o Comerciante 03, que aos 67 anos tem história há mais de 20, com o ofício de produzir imagens de santo. "Eu não sei dessa história de equilíbrio entre os comerciantes não. Me sustentei nos primeiros meses isolado com o auxílio do governo. Meu filho que me ajudava a ir tirar todo mês, mas até hoje não soube colocar meu negócio na internet, sei que os artesãos, ambulantes e artistas sofreram muito, passaram necessidade, mas não contam".

Os marcos que anualmente movimentam a economia em Juazeiro do Norte, são embalados pelas romarias, o que não ocorreu em 2020. Della Cava em seu livro Milagre em Joazeiro apresenta que desde a sua fundação, as atividades religiosas foram imprescindíveis para o crescimento e desenvolvimento do lugar. Medalhas, crucifixos e imagens de santo eram feitas em madeira e barro, sendo escoados para venda e distribuição em todo o Nordeste. Hoje, são um dos grupos mais prejudicados. "Não tinha romeiro para comprar as

**O CLIENTE NÃO VAI MAIS ATÉ O
NEGÓCIO, O NEGÓCIO PASSOU
A IR ATÉ O CLIENTE PARA
REALIZAR A VENDA**

imagens e não tinha feira pra vender, ficou ruim e fez falta", afirma o Comerciante 03.

Já no setor alimentício, temos uma grande alavancagem. De acordo com a pesquisa da SEDECI, o maior número de gastos se voltou à alimentação, com um aumento de 66,2%. O Comerciante 01, possui uma rede de restaurantes no município, com serviços populares e sofisticados. Todos tiveram aumento de demandas, sendo necessário a contratação de novos funcionários, incluindo pessoas capacitadas para lidar com o gerenciamento de redes sociais e marketing digital, para atendimento aos clientes.

"O centro de Juazeiro sempre tem muita gente, quando me dei conta de que não haveria mais aquele vai e vem, percebi que iria precisar chegar até o cliente e com eficiência". O Comerciante 01 destaca acreditar na dependência das

calçados, cuidar da educação de seus filhos de quatro e seis anos e da organização da casa.

"Eu tive que trazer mercadoria para dentro de casa e colocar minhas sobrinhas para administrarem as vendas no Instagram", conta a Comerciante 02, alegando ainda que nunca imaginou passar por essa situação. Um ponto importante para ela, foi que através do meio digital, conseguiu uma nova clientela, que não entrava em sua loja física no centro, mas passou a acessar seu perfil na rede social.

A retomada do comércio

Muitas reflexões surgiram a partir da pandemia do novo coronavírus, uma delas é a respeito das compras desenfreadas, sejam elas de produtos ou de programas e serviços de lazer.

OS QUINTAIS PASSARAM A SER AS TELAS DE CELULARES E COMPUTADORES, QUE ABRIGARAM EM APLICATIVOS E REDES SOCIAIS NOVAS ESTRATÉGIAS PARA GERAÇÃO DE RENDA QUE IMPACTARAM DIRETAMENTE NOS HÁBITOS DE CONSUMO DO JUAZEIRENSE

pessoas dos restaurantes, que muitos optam pelo serviço ao invés de cozinhar em suas residências.

Vivemos numa era onde as telas invadiram as nossas casas. Eliane Brum, jornalista e escritora brasileira, já afirmou que "se há office, não há home". Perdemos o descanso e o nosso lugar de refúgio. "Trouxe meu escritório para dentro de casa, funcionários vinham para minha casa trabalhar comigo para atingirmos metas, com outros tinha que realizar reuniões online e muitos tinham dificuldades, pois tivemos que realizar planejamentos, não sei o que teria sido do negócio sem o WhatsApp", contou o Comerciante 01.

Um dos pontos e visões mais discutidas por pesquisadores e ativistas durante o período pandêmico foram as condições das mulheres, que foram sobrecarregadas pelos afazeres domésticos e expostas à vulnerabilidade econômica, em especial as mães de crianças pequenas. Esse é o caso da Comerciante 02, que teve que lidar com a queda de suas vendas de roupas e

O IPC Maps apresenta Juazeiro do Norte como o terceiro maior potencial de consumo do Ceará, atrás apenas de Fortaleza e Caucaia, possuindo grande expressividade para todo o Nordeste e tornando-se um ambiente atrativo quando se leva em consideração compras a nível atacado e varejo.

No mês de maio de 2020, ainda a partir da pesquisa da SEDECI, o consumo de itens de saúde e medicamentos aumentou em 31,7%. Vale ressaltar que o município conta com 439 instituições desta ordem, segundo o Cadastro Nacional de Empresas de Saúde. Em segundo lugar, logo após o setor de alimentos, aparecem os eletrodomésticos e utensílios para casa, dois pontos que estão diretamente ligados à manutenção das residências.

Josefa Costa afirma que, dentre os setores que compõem o PIB de Juazeiro do Norte, as indústrias foram as mais afetadas. "Os negócios tiveram a queda de fornecimento dos produtos das indús-



Funcionários da limpeza pública de Juazeiro do Norte realizando desinfecção dos espaços públicos do município

trias, as pessoas querem materiais de construção civil, por exemplo, mas não tem produção".

Ao que cabe para o pós cenário pandêmico, o estudo realiza um panorama de possíveis compras, onde 77% dos entrevistados diz que irá comprar somente o necessário.

Em agosto de 2020, Juazeiro do Norte entrou para a Fase 1 de reabertura econômica com horários restritos, seguindo as determinações dos decretos estaduais e municipais, depois de cinco semanas de isolamento rígido. De acordo com dados do IntegraSUS, plataforma da Secretaria da Saúde do Estado (Sesa), Juazeiro tinha 9.544 infectados pelo novo coronavírus e 220 óbitos no dia 02 do mesmo mês. 📌



Foto: Vandson Domingos

Movimentação na Rua São Pedro em Juazeiro do Norte após a retomada do comércio em agosto de 2020



QUARENTENA INDÍGENA

A realidade e a filosofia dos Kariris em Poço Dantas, no Crato

Coronavírus, espiritualidade, autoconhecimento e o sentido de ser humano, foram reflexões que pautaram a longa conversa que tive com Vanda Cariri, na tarde de sábado (2), por telefone. Ela é indígena remanescente dos povos Kariris e compartilhou comigo reflexões que servem para pensarmos de onde viemos e para onde vamos.

Por Izabelly Macedo

No distrito de Monte Alverne, em Crato, mais precisamente no Sítio Poço Dantas, 80 famílias remanescentes da etnia indígena Kariri foram incumbidas pela ancestralidade de resistir ao apagamento das vidas que deram origem a região. Os Kariris, que só na aldeia do Crato chegou a ter 2.792 pessoas na metade do século XVIII, sofreram com a violência do império português e foram intencionalmente não registrados nos documentos oficiais da capitania do Ceará, ao ponto de estudiosos afirmarem durante séculos que esses povos não existiam mais.

Poço Dantas é jovem no sentido da auto-afirmação. Em 2007 iniciaram o processo de resgate identitário e cultural e desde então estão mobilizados com os parentes das demais etnias do Brasil. O sítio ainda não foi regulamentado pela Funai, portanto, o acesso a políticas públicas é dificultado. Nesse momento a pandemia é mais uma grave ameaça somada às inúmeras já enfrentadas pelos indígenas em todo país. Para conhecer a realidade e a visão de mundo dos Kariris remanescentes, entrevistei Vanda Cariri.

Coronavírus, espiritualidade, autoconhecimento e o sentido de ser humano, foram reflexões que pautaram essa longa conversa que tivemos na tarde de sábado (2), por telefone. Aqui serão disponibilizados

trechos desse diálogo que serve para pensarmos de onde viemos e para onde vamos.

Pode se apresentar.

Eu sou Vanda Roseno Batista Cariri, não trago na minha identidade o nome 'Cariri' por uma questão preconceituosa. Na minha casa alguns assinam como Cariri e outros não. Sou filha de Adail Roseno Cariri e Nazaré Batista Cariri. Sou professora, doutora pela UNESP em Geografia, faço parte da comunidade indígena de Poço Dantas, que também é chamada de Umari, próximo a Monte Alverne. Tenho muito orgulho de ser indígena.

Como funciona o isolamento social em Poço Dantas?

É aquela coisa que tem na maioria das cidades brasileiras: os que acreditam e os que não acreditam. Os da terceira idade têm uma preocupação muito grande, mas como temos muitos jovens na comunidade, nem sempre atendem aos critérios estabelecidos pela OMS. E também dentro da condição da comunidade é difícil atender a esses critérios. Até uns três meses atrás, a comunidade não tinha água, foi uma conquista de quase 10

anos de luta. Não tem saneamento básico. São situações que nos deixam vulneráveis.

Houve o fechamento do sítio?

Não. Já tem caso confirmado vizinho à comunidade. O controle é muito complicado. A polícia já foi lá e fechou bar. A gente sabe que não só no Monte Alverne, mas que a questão do coronavírus é uma ameaça muito grande aos povos indígenas. A gente sabe que quem está dentro da sociedade e já adquiriu esses costumes e crenças também já criou resistência. Mas nossos parentes que vivem

muito forte dentro de nós. Então dizer “não” a alguém que chega e possa criar uma situação de transmissão desse vírus é muito complicado.

Quando o vírus chegou ao Cariri, quais foram as primeiras preocupações da comunidade?

Logo quando eu fiquei sabendo, a nível nacional, nós começamos a conversar. Desde esse dia que não vou na comunidade porque como sou educadora tive contato com os alunos até



isolados, se não houver um cuidado especial, se as políticas não se voltarem para esses povos, o Covid é uma ameaça.

Qual o risco de chegar a Covid em Poço Dantas?

São muitos. Já temos numa comunidade próxima. A possibilidade de um jovem que vive em contato com outras comunidades levar para a nossa é muito grande. E nós temos aquela cultura de se você chegar na minha casa e eu disser “não entre” é muito difícil. É um sentimento

o Governador do Estado dizer que não éramos para irmos mais. Todos foram informados, toda semana estou em conversa com eles. Mas existe um costume tão grande de estarem juntos, que dificulta.

E hoje, já no decorrer da quarentena, as preocupações permanecem ou mudaram?

Mantém-se. Quem vem receber o dinheiro da minha tia é a menina mais nova. Claro, ainda



existe o risco. Mas há o cuidado porque todo mundo fica preocupado com os mais velhos.

A saúde indígena é uma preocupação do poder público municipal?

Se a gente for olhar para o nosso país que a Saúde Pública não atende a população, imagine a saúde indígena. Muitos nem sequer reconhece a gente como indígena, ainda há muita piada na sociedade. O poder público ainda não se apropriou da importância desse povo para a própria história do município. No entanto, a luta da comunidade fez com que o poder municipal levasse água recentemente. Isso já demonstrou um reconhecimento do poder público. Outra coi-

sa: a nível estadual estamos pleiteando com a Secretaria de Educação a vinda de uma escola indígena para a comunidade.

Qual o impacto desse confinamento na rentabilidade da comunidade?

Como vivem muito da agricultura, eles diminuíram a ida ao trabalho. Eles vivem do que vender, do que tiram da agricultura, vão para a feira e na feira negociam os animais que criam. E agora não podem fazer nada disso. A renda deles desapareceram. Como eles vão vender se não existe comércio aberto? A condição financeira fica bastante difícil. A não ser os aposentados. Mas os pais

de família que vivem de vender o seu legumezinho para sustentar a família, fica difícil.

Foram contemplados pelo Auxílio Emergencial?

A grande maioria sim.

Você atribui a que uma doença tão devastadora quanto essa?

O coronavírus é um vírus que vem mostrar para a humanidade um processo reflexão interior, uma busca pelo eu e descobrir enquanto ser humano qual nosso papel na Terra. Pra quê nós viemos? É uma forma de refletir sobre a solidariedade e acima de tudo sobre a espiritualidade. Uma forma de nos tornarmos mais humanos. Dos poderes constituídos entenderem que por mais que tenhamos as maiores tecnologias e todo conhecimento científico, nenhum de nós temos grandeza sobre os demais povos. O covid nos fez entender o que o sistema capitalista nos levou a uma situação que precisamos reformular a forma de viver, as relações sociais, econômicas e de nos educar. É uma reinvenção do ser. A humanidade foi antes do covid e depois do covid.

O que as crenças Kariris falam sobre o adoecer?

A principal causa para o corpo adoecer é a mente. É como nos sentimos. Por exemplo: a ansiedade, o medo dessa doença, nos leva a ficar mais vulneráveis. A questão espiritual também. Uma das coisas que mexe com a gente nesse momento é se desprender das coisas. Para a nossa comunidade já não há problema em se desprender, porque não somos apegados a nada. Hoje entendo por que meu pai era tão desapegado às coisas. Para ele era tanto faz como tanto fez. O adoecer do corpo está muito condicionado a nossa forma de vida. Eu que estou nessa loucura da cidade, estou mais predisposta a adoecer do que minha tia que está lá no sítio. Espiritualmente ela está melhor. São três elementos: o espiritual, o mental e a alimentação. Durante muito tempo nós plantamos o que comíamos. A qualidade do alimen-

to é um dos fatores determinantes para nossa questão imunológica.

A pandemia tem me feito refletir sobre as desigualdades, a política, a liberdade, comunidade, espiritualidade...

Principalmente espiritualidade. A gente tem perdido muito essa essência da espiritualidade. Perdemos nossa essência, dos nossos ancestrais, das nossas raízes. É uma dor que existe entre a gente. A gente se catequizou e usa todas essas religiões que não são nossas, mas dentro da gente existem cicatrizes. Essa questão do resgate, da espiritualidade não é só nossa, é da humanidade toda.

Um país que respeite e acolha todas as formas de vida é possível?

Acredito que sim. Desde que a gente entenda o que é realmente a essência da vida. O que é viver bem pra gente enquanto ser humano? A primeira coisa é perceber o valor que cada um de nós temos. Eu não posso valorizar uma forma sem que eu consiga entender o meu valor. Sem que eu entenda que eu sou uma parte do todo e não superior aos demais; que eu faço parte do todo, de uma cadeia que interage pra que viva bem.

O que nos falta enquanto humanidade?

Principalmente o autoconhecimento. A essência da espiritualidade, saber realmente a nossa

**EU SOU VANDA ROSENO BATISTA
CARIRI, NÃO TRAGO NA MINHA
IDENTIDADE O NOME 'CARIRI' POR
UMA QUESTÃO PRECONCEITUOSA**

SE A GENTE FOR OLHAR PARA O NOSSO PAÍS QUE A SAÚDE PÚBLICA NÃO ATENDE A POPULAÇÃO, IMAGINE A SAÚDE INDÍGENA

essência. Compreender que todos somos integrados e dependemos um dos outros.

Recentemente um influenciador digital da região divulgou um vídeo carregado de estereótipos sobre os indígenas.

Eu sofri muito com isso.

E foi muito repercutido nas redes sociais.

A Associação Indígena junto com o GRUNEC fez um requerimento pedindo que ele se retratasse.

O caririense está em que nível de mobilização e compreensão sobre as pautas dos povos originários?

Você sabe que dentro da história nós fomos tratados com muito preconceito. Como gente que não presta, vagabundos, preguiçosos. As marcas que a gente traz da história é muito difícil. Muita gente ainda diz piada e não acredita. Mas a gente tem conseguido fazer um trabalho de reconhecimento, mas a grande maioria ainda é difícil.

Quem são as pessoas que estão juntas na luta com vocês?

Muitas instituições têm feito um papel interessante e têm reconhecido. Escolas, ONGs, Universidades, o GRUNEC, o Sesc.

O que a história do sistemático apagamento dos Kariris na nossa região pode nos dizer sobre nossa noção de povo caririense?

A grande parte da nossa sociedade atual não tem noção das nossas raízes nem da importância dos valores das nossas raízes para a humanidade. Porque se a gente partir daquele ponto que estávamos conversando, que temos que nos reinventar, valorizar o espiritual,

os nossos costumes e valores, nós vamos viver na forma de vida da nossa ancestralidade e aí os nossos valores hoje para a humanidade são essenciais para reestruturar a nossa forma de viver no mundo.

Qual sua visão sobre as políticas do atual governo para os indígenas no país?

De forma muito simplória: o atual governo não tem nenhuma preocupação com a questão indígena. Ele nega toda nossa existência e é um novo massacre que estamos vivendo. Hoje nós voltamos a ter negados nossos direitos, conquistas e lutas. Eu fiquei muito desestimulada quando ele entrou para dar continuidade ao nosso processo de reconhecimento.

O Abril Vermelho* foi diferente esse ano.

Ele levou essa possibilidade da gente dialogar. Houve uma repercussão muito grande com as atividades online. Conseguimos visibilidade, dialogar, mostrar a existência, integrar forças para lutar em relação às políticas públicas, mostramos nossa cara. Conseguimos expor a questão dos nossos parentes no Amazonas com os grileiros.

13 anos de mobilização para resgatar a identidade Kariri em Poço Dantas. Quais as principais conquistas da comunidade?

A primeira que considero de grande relevância é o nosso autorreconhecimento, intensificação e valorização dos valores culturais, a água para sobrevivência, a autoestima da comunidade, o orgulho de ser indígena, a conquista de dialogar com outras etnias, as parcerias com instituições, a criação da Associação Indígena, levantar a palhoça na comunidade, realização de pesquisas científicas.

“Por nós, pela ancestralidade e pelas futuras gerações.”. O que essa frase significa pra você?

O respeito aos valores e a cultura indígena e o reconhecimento de que nós indígenas não existíamos, nós resistimos e existimos. 🍷

* Em abril, os movimentos sociais realizam o Abril Vermelho, um marco na luta por justiça social às vidas indígenas perdidas no país.



Foto: Rodolfo Santana

Diário de um repórter

Por: Antônio Rodrigues

Antes de escrever este texto, eu passei semanas pensando em como começar. Para muitos, este é o principal entrave — coisa que acredito ter superado ao longo do tempo. Mas dessa vez foi diferente. Então, para tentar dar uma arejada nas ideias, abri minha pasta de fotos do último mês de março, quando iniciam os primeiros casos da covid-19 aqui no Ceará.

Na tarde do dia 2 de março, corri até o Centro de Juazeiro do Norte, porque um homem havia sofrido um acidente grave durante uma obra. Ao chegar no local, seu corpo estava estendido na calçada, enquanto aguardava o carro do IML. Deste cenário, que ao longo destes três anos como repórter fui me acostumando, saio para tirar fotos de um casal de artesãos. Uma pauta bem mais leve.

Ainda em março, era período de estação chuvosa e meu HD também sustenta imagens de ruas alagadas e o céu cinzento, que tanto traz alegria aos sertanejos. Mais à frente, encontro registros da Cachoeira de Missão Velha, no município homônimo, chão molhado e de um vendedor de caldo de cana na beira da CE-060, a quem tenho muita saudade. Dias depois, visitei Nova Olinda, fiz fotos do Rio Cariús, da Fundação Casa Grande, de uma casa típica de interior refletida em um açude. Na volta, capturei crianças jogando futebol em um campo de terra, na Chapada do Araripe.

Aquele mesmo mês ainda me entregaria uma visita ao Engenho Tupinambá, em Barbalha, ao Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, às obras do Cinturão das Águas do Ceará, em Missão Velha, e a um delicioso banquete de cajarana na estrada ao distrito de Jamaru. Tudo isso vivido intensamente por quilômetros que, de certa forma, são as coisas que mais amo na minha profissão: estar na estrada.

No dia 16 de março, há quase seis meses, o governador Camilo Santana publicou o primeiro decreto em decorrência do novo coronavírus e a partir dali tudo mudou. Ainda sem muitas informações — espanta-se por ser jornalista —, a covid-19 trouxe muita insegurança. A redação, neste processo, passou por mudanças. A rotina

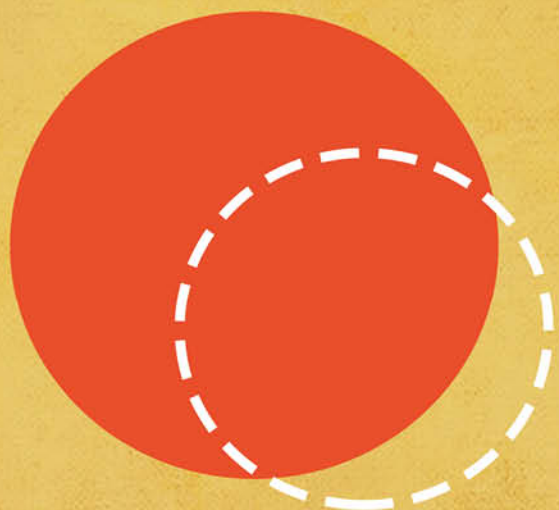
mudou no enfrentamento a este medo invisível. Como trabalho para o jornal impresso e também para web, principalmente, a principal orientação era evitar pautas que nos expunha naquele momento. O telefone se tornou o principal aliado.

Internamente, claro, este receio de contrair e transmitir a doença chegou. Ainda havia muitos desconfortos em informações como o uso de máscaras, a eficácia de álcool 70%, entre outras. Ficar em casa, evitar contato com amigos e familiares, para quem é acostumado visitar tantos lugares, não é fácil.

Apenas no dia 24, oito dias após a publicação do decreto, pude sair. Parte de um barranco, na subida da Chapada do Araripe, desabou e bloqueou uma estrada. Nesse dia comemorei pôr os pés fora de casa, mesmo graças a uma infelicidade. Mas aquele foi fim da reclusão. Na Semana Santa, visitei o aposentado Manoel Joaquim de Oliveira, que também é rezador, para saber se continuaria realizando seus ritos. Morador da Rua do Horto, aos 85 anos, Manoel só interrompeu as rezas, porque os dias que precedem a crucificação são de “descanso”. Sobre a nova doença que aterrorizava o mundo, cravou: “Isso já é um anúncio do que está por vir”.

Mais abaixo, outra rezadeira, a agricultora pernambucana Maria Helena da Silva, corroborou com esta narrativa escatológica: “Essa (doença) é só o começo das que virão por aí. Não tenho medo. Isso é café pequeno para as que ainda vêm”, garantiu. Helena fez até referência às sete pragas do Egito, como a chegada de gafanhotos e outras doenças que deverão degenerar o corpo humano. “Tudo que passou no início vai voltar. Nós estamos nos fins dos tempos. Aí o mundo ficará perfeito, como Deus fez. É nós, a humanidade, que vamos morrer”, narrou.

Em Barbalha, um dos remanescentes da Irmandade dos Penitentes da Cruz, Antônio Francisco de Sales, de 77 anos, foi outro que enfatizou a teoria de fim de mundo, mas que poderia ser combatida com a fé. “Antigamente se batia em epidemia, a cólera, era com reza. Eram os padres, o povo. O bendito de São Sebastião cantava para livrar da fome, da peste,



da guerra”, garantiu o seguidor da ordem religiosa. E estas narrativas foram se repetindo ao longo dos lugares que fui visitando durante a pandemia, principalmente em seu início, quando tudo ainda era incerto.

Na medida que os meses foram avançando, os novos protocolos foram se reforçando. Higienização de veículo e equipamento, uso de máscara, distanciamento de entrevistados, entre outros cuidados. Até maio, os casos não eram tão intensos no Cariri, como acontecia em Sobral, que acabei acompanhando, à distância, a situação delicada que o maior município da região Norte passou. “Será que isso vai acontecer aqui?”.

Acho que, a velocidade da cobertura jornalística acaba “desumanizando” um pouco o repórter. Diariamente comecei a lidar com números. Taxa de letalidade, taxa de contágio, taxa de ocupação, número de casos, óbitos, leitos, etc. Uma hora

chegou a ser sufocante viver cercado de tanta dor. Em uma pauta, cheguei a conversar com profissionais da saúde que convivem diariamente com as perdas. “Como você se sente vendo as pessoas desrespeitando o isolamento social?”, era o gatilho para os desabafos. Nisso tudo, vi meu pai sofrer por perder dois primos e dois grandes amigos pela doença.

Em junho, tive suspeita de covid-19. Fui afastado do trabalho, me isolei antes de visitar o médico e fazer os exames. Deram negativo, felizmente. Sadio, a peleja voltou. Foi neste mês que Juazeiro do Norte se tornou epicentro da doença no Ceará, ao mesmo tempo que senti a população cada vez mais relaxada. “As pessoas só vão se dar conta quando acontecer com alguém de sua família”. Essa frase que ouvi lá na segunda metade de março foi se diluindo com o tempo.

Mesmo assim, para mim, este momento que ainda estamos passando me trouxe duas lições.



A primeira lição, como repórter, vem a partir dos exemplos de Manoel, Helena e Antônio. Os três fazem parte do grupo de risco da doença. Por mais que respeite as suas crenças, é nosso papel informar a importância dos cuidados com a covid-19, que ainda não tem cura. Católica, a médica infectologista Érica Ferreira disse a seguinte frase, que tentei reforçar aos que aderiram a teoria do "fim do mundo". "Ignorar a ciência seria um pecado. A gente precisa usar a religiosidade para reforçar a obediência, os cuidados", afirmou a médica.

O dever de informar se soma à cobrança ao Estado para que esteja mais presente na saúde pública. Cidades do interior que, até então, nunca tiveram um leito de unidade de terapia intensiva (UTI), só conseguiram esta estrutura fundamental com a grande demanda de casos graves da covid-19. Denunciar situações de descaso, reforçou em mim o quanto o jornalismo

é fundamental. Como disse o Millôr Fernandes: "Jornalismo é oposição". Esta é a primeira lição.

A segunda, como pessoa, é a empatia. A pandemia mostra que, em qualquer situação calamidade pública como a que passamos, mais uma vez os mais pobres serão os que mais sofrem. População em situação de rua, catadores de materiais recicláveis, vendedores ambulantes, entre outros. Não é um dever apenas profissional, mas também é humano lutar para minimizar ou até mesmo romper estas desigualdades. Parafraseando o Millôr, enquanto eu acordar e o mundo continuar assim, viver é oposição. 🍷





A BATALHA TRAVADA ALÉM DOS DOIS METROS



Em 2020, a humanidade vem enfrentando algo que poucas vezes se repetiu na história de nossa civilização. O novo Coronavírus (Covid-19), em setembro de 2020, já conseguiu infectar mais de 30 milhões de pessoas por todo o planeta, sendo mais de 4 milhões apenas no Brasil. Ele vem transformando drasticamente nossa maneira de viver. Se, desde a queda do muro de Berlim e o fim da Guerra Fria a meta da Globalização era a conexão global, agora ela se encontra a recomendação de distância mínima de dois metros.

Por: Adler Freires

Após meses de estagnação na economia e decretos de isolamento social rígidos, em setembro, muitas cidades do Brasil passam por diferentes fases de reabertura do comércio. A região metropolitana do Cariri cearense é um desses lugares. Formada pelas Cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, após a localidade crescer em taxas de contagiados e mortos todos os dias, o plano de retomada gradual da economia proposto pelo Governo do Estado do Ceará chega na sua quarta fase.

Esses cuidados começaram quando a metrópole de Wuhan, na China, foi o epicentro de uma pandemia que rapidamente se alastrou pelo restante do mundo. O primeiro caso a surgir da doença foi identificado na região em dezembro de 2019 e logo se espalhou pelo resto do país. O que, para muitos, seria apenas mais uma tragédia contida em matérias televisivas do outro lado do globo, logo se tornou cotidiano.

Isso porque os índices de contágio do novo coronavírus são altos. Logo, o vírus atravessou as fronteiras intercontinentais e se alastrou pela Ásia e Europa. Foi questão de tempo, então, até chegar a América e expandir sua marcha para os continentes restantes. Hoje, nove meses depois, máscaras e álcool gel deixaram de ser produtos de farmácia de pouco uso para adentrarem o seio familiar e se tornarem mais próximos que parentes.

No Brasil, a comoção começou logo após o período de carnaval, em fevereiro. O primeiro caso foi confirmado com o término das festivi-

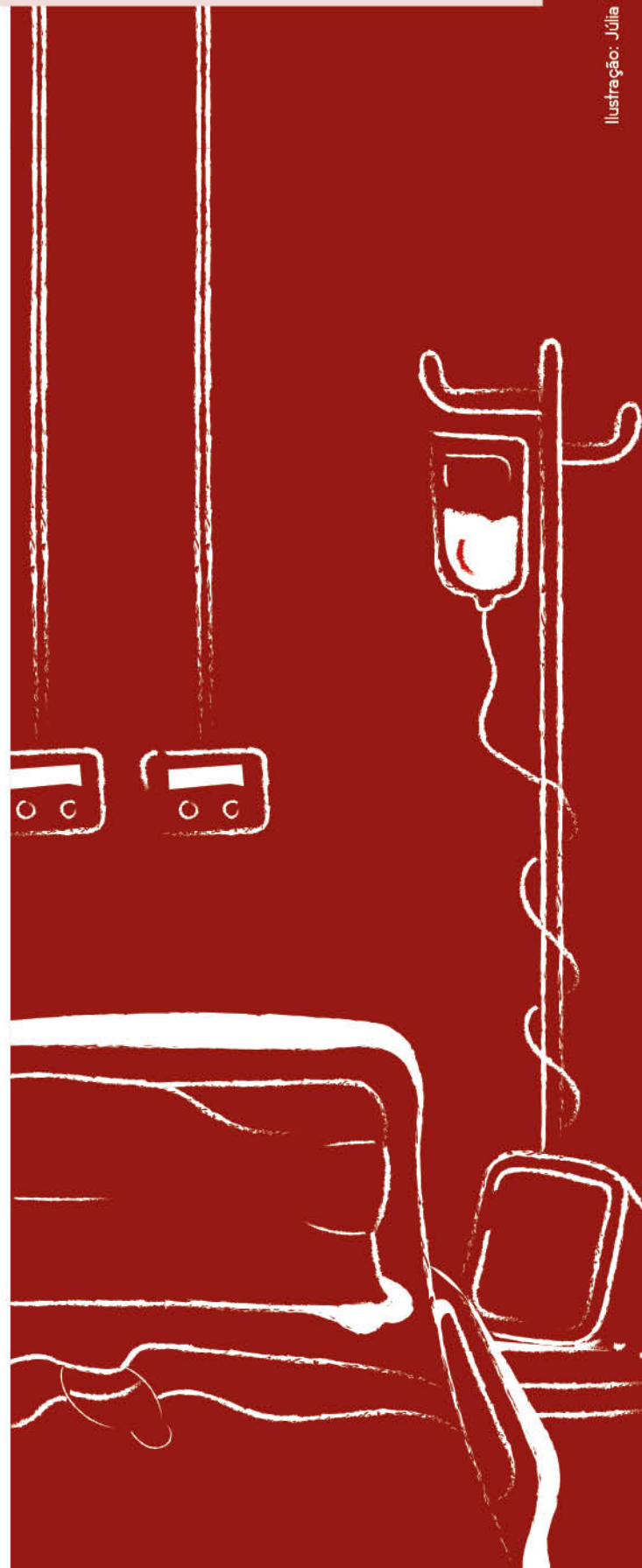


Ilustração: Júlia Marques

dades, o que colocou um alerta na cabeça de cada brasileiro. Entretanto, foi apenas em março que os governadores começaram a estabelecer decretos de isolamento social, a fim de conter o avanço do vírus.

Embora haja uma melhora no quadro de casos, os cuidados não devem acabar, já que a realidade de uma vacina ainda se encontra distante, o que obriga os habitantes de todas as partes do mundo a seguirem os protocolos de segurança, como o de distância mínima de dois metros entre indivíduos.

Apesar de vivenciada por todos, existem aqueles que se arriscam a dar alguns passos além dos dois metros: estes são os profissionais da saúde, que trabalham na linha de frente no combate ao Coronavírus. Seja dentro de laboratórios em busca de novos tratamentos para a doença ou dentro das UTI'S cuidando dos infectados, esses

trabalhava diretamente com os pacientes do Coronavírus no Hospital Regional do Cariri.

A vida é forte e ao mesmo tempo frágil

Filho de seu Marinaldo e dona Neuma, o médico Maxsuel Rolim da Costa, de 30 anos, é natural de Juazeiro do Norte. Católico, é formado em medicina desde 2016, profissão que sonhava em seguir ainda criança. Atualmente trabalha com medicina intensiva na UTI do Hospital da Unimed Cariri e como Médico de Família e Comunidade na Unidade Básica de Saúde (UBS) do município de Barbalha. Os seus planos tiveram que ser alterados quando, em 2020, a sua jornada na profissão o levou a encarar frente a frente um grande desafio: salvar vidas em meio a uma pandemia.

Por atuar em duas áreas completamente opostas (Atenção Primária, que é o primeiro nível de atenção em saúde e onde se encontram situadas as UBS e Atenção Terciária, que compreende os atendimentos de alta complexidade),

A EQUIPE EM SI É MUITO HARMONIOSA E CUIDAMOS UNS DOS OUTROS, DIVIDINDO AS MESMAS ANGÚSTIAS COM OS PACIENTES MAIS CRÍTICOS E AS ALEGRIAS JUNTO AOS PACIENTES QUE CONSEGUEM SE RECUPERAR E RECEBER ALTA DA UTI

profissionais lutam diariamente, muitas vezes em plantões exaustivos, para garantir que esses metros que nos separam possam ser reduzidos a distância de um passo.

Esse é o caso do médico Maxsuel Rolim, de 30 anos, que trabalha com medicina intensiva na UTI do Hospital da Unimed Cariri e como Médico de Família e Comunidade na Unidade Básica de Saúde (UBS) do município de Barbalha. Também é o que ocorre com o técnico em enfermagem Lucas Vinícius, de 21 anos, que atualmente trabalha diretamente no combate a Covid-19 no Hospital Regional do Cariri (HRC) e no SAMU-CE. Juntos a eles nessa batalha se encontra o também técnico em enfermagem Jonas Soares, 21 anos, que atualmente trabalha no Home Care Cariri e na UTI pediátrica do Hospital São Camilo em Crato, mas que no começo da pandemia

Maxsuel pode acompanhar diversas mudanças na área da saúde, alterações estas que tiveram como principal objetivo barrar a transmissão do novo coronavírus.

“Na Atenção Básica houve toda uma mudança estratégica no espaço físico de separar os pacientes suspeitos e sintomáticos daqueles que procuravam atendimento por outra patologia”, afirma o médico intensivista. Segundo ele, atividades como trabalhos de grupo em rodas de conversa com a população tiveram que ser suspensas. A forma no atendimento dos pacientes também sofreu alterações: obrigatoriedade no uso de paramentação (máscara, óculos de proteção, gorro, avental e luvas) e a utilização de espaços amplos e abertos com maior ventilação.

“Programas importantes de acompanhamento de doentes crônicos realizados na atenção básica, como os Hipertensos e Diabéticos, ficaram

prejudicados logo no início e no período de pico da pandemia (mês de julho e início de agosto) por eles pertencerem ao grupo de risco”, explica Maxsuel. Outros grupos, como gestantes, tiveram seus horários de atendimento readequados para realização do pré-natal.

trabalho de outros colegas para cobrir a escala e os atendimentos”, coloca Maxsuel. O mês de julho foi o mais complicado. O profissional relata que no período chegaram a trabalhar com 100% da capacidade de leitos. Nesse momento,

QUE A VIDA É FORTE E AO MESMO TEMPO FRÁGIL. SABEREMOS DE AGORA EM DIANTE O VALOR DE UM ABRAÇO, DE UM BEIJO, DE UM APERTO DE MÃO, DE CONVERSAR COM NOSSOS ENTES QUERIDOS IDOSOS E ATÉ MESMO COM NOSSOS PAIS. O VALOR DE APRECIAR MELHOR OS MOMENTOS DE LAZER

Já em nível hospitalar, a principal mudança pode ser sentida na utilização da paramentação e no cuidado redobrado com medidas preventivas de higienização, bem como o fato de se lidar com um novo perfil de paciente grave: acometido de insuficiência respiratória e por uma doença que até algum tempo atrás era pouco conhecida.

A maior dificuldade, entretanto, foi o fluxo de pacientes suspeitos e confirmados com Covid-19, que começou a aumentar drasticamente desde março. “Muitos colegas médicos adoeceram e isso de certa forma sobrecarregou a jornada de

foi importante a presença de respiradores reservas, que impediram o colapso no atendimento de novos pacientes.

Para ajudar no controle do fluxo de atendimento, a triagem dos pacientes acontece na recepção do Hospital. Todos devem estar de máscaras e utilizar álcool gel para a higiene das mãos. Aqueles que apresentam síndrome gripal são separados dos demais, atendidos em consultórios diferentes dos pacientes com outras patologias. Desses, os que apresentam no exame clínico sinais de desconforto respiratório com necessida-



Foto: ASCOM/Crato

Funcionários da Secretaria de Saúde do Município de Crato em atendimento

de de oxigênio são internados para medidas de suporte e acompanhamento do quadro clínico.

Após o processo de triagem, o paciente suspeito, encaminhado para solicitação de realização do teste, gera um número através de uma base de sistema nacional de notificação, via internet, pelo e-SUS. Em seguida, é orientado a procurar a unidade correta para realização do exame, seja ele o Swab (introdução de um cotonete especial nas narinas) ou o teste sorológico, a depender do tempo de sintomas do paciente.

Embora utilizado em Barbalha, segundo Maxsuel, esse não é o mesmo procedimento aplicado por todos os municípios da região. Em Juazeiro do Norte, por exemplo, a prefeitura utiliza a estratégia de Unidades Sentinelas para realização dos exames e atendimentos dos pacientes sintomáticos. Mesmo com todas as medidas tomadas pelos municípios, o médico acredita que houveram subnotificações. "Sintomas leves fizeram com que muitas pessoas não procurassem atendimento para a tomada de medidas preventivas, o que pode ter contribuído também na disseminação rápida do vírus".

O médico atende diariamente pacientes com Covid. Oito horas de segunda a sexta-feira na UBS. Dois plantões noturnos de 12 horas na UTI durante a semana. Final de semana intercalando com plantões na UTI de 24 horas e em algumas vezes de 48 horas. O esforço, entretanto, é compartilhado por todos aqueles que trabalham no hospital. "A equipe em si é muito harmoniosa e cuidamos uns dos outros, dividindo as mesmas angústias com os pacientes mais críticos e as alegrias junto aos pacientes que conseguem se recuperar e receber alta da UTI".

O time do Hospital da Unimed Cariri teve que ser ampliado desde o início da pandemia. A equipe na UTI é composta por um médico, um enfermeiro, um fisioterapeuta e um técnico de enfermagem para cada dois leitos. "Em alguns momentos tivemos que ter um técnico de enfermagem para cada leito de UTI", afirma Maxsuel. Outra mudança foi a presença de 24 horas de um profissional de Fisioterapia, que antes só estava presente no hospital durante o dia.

"Não podemos esquecer também a equipe de limpeza, fundamental para manter um ambiente mais seguro para o trabalho", assinala o médico.



Maxsuel e colegas de trabalho no Hospital da Unimed Cariri.

Todas as pessoas em serviço estão envolvidas no combate ao Covid-19, desde o recepcionista até o Diretor Clínico do hospital. É através desse esforço conjunto que muitas vidas são salvas. "Tivemos casos excelentes de recuperação em pacientes muito crítico diante de muitas comorbidades", celebra.

A vivência do período da pandemia não se restringe às horas que passa no hospital. Maxsuel vive com seus pais e com seu irmão, Mateus. Eles precisaram reorganizar a rotina da casa e disposição de alguns objetos para que o médico pudesse ficar o mais afastado possível do restante da família. "Tivemos que separar todos os meus utensílios e organizar meu quarto para ficar o mais isolado da casa. As minhas roupas do serviço também são organizadas e lavadas separadamente", expõe.

Os cuidados se estendem para aqueles entes queridos que não moram junto com ele. Há seis meses o profissional da saúde não tem contato físico com seus avós, além de ter diminuído o contato com a sua noiva, Sheezara, que também trabalha na área da saúde em outro município. Ele encontra descanso apenas nos momentos



Recepção de alunos do curso de Medicina da Universidade Federal do Cariri (UFCA) na UBS em que Masxuel atua, em novembro de 2019.

livres. Quando não está trabalhando, gosta de andar de bicicleta pelo Cariri e tocar violão.

Embora, neste setembro de 2020, o momento ainda não seja de tranquilidade, o médico afirma que existe uma diminuição no número de atendimentos de pacientes sintomáticos, tanto na atenção primária como na atenção terciária. Além disso, a taxa de ocupação dos leitos de UTI também vem diminuindo, o que reflete na entrada da região do Cariri cearense na quarta fase do plano de retomada gradual da economia proposto pelo Governo do Estado do Ceará, dividido em 4 fases.

Entretanto, embora os indicadores apontem resultados positivos, Maxsuel alerta para que a população não relaxe com os cuidados cultivados durante os meses de quarentena. Segundo ele, o mundo nunca voltará a ser como antes, e devemos nos adaptar a essa nova realidade. "É importante usar a máscara corretamente, lavar as mãos com água e sabão sempre que possível e evitar ter contato com outras pessoas caso

manifeste sintomas gripais. Medidas simples de higiene e distanciamento social ainda são as mais eficazes de evitar a propagação da doença".

São muitas lembranças desse momento. As que ele irá levar consigo são as felizes, de quando viu pacientes recuperados e os pode acompanhar até a saída da UTI. Ele espera que todos possamos tirar uma reflexão desse tempo. "Que a vida é forte e ao mesmo tempo frágil. Sabemos de agora em diante o valor de um abraço, de um beijo, de um aperto de mão, de conversar com nossos entes queridos idosos e até mesmo com nossos pais. O valor de apreciar melhor os momentos de lazer", finaliza.

O real valor da vida

O técnico em enfermagem Jonas Soares tem 21 anos e também é estudante de jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA). Sempre buscando conciliar o seu trabalho de enfermeiro com seus estudos, Jonas começou a lidar com os efeitos da pandemia logo durante o seu iní-

cio. Enquanto as aulas da UFCA eram suspensas, o número de pacientes infectados começava a subir, mudando drasticamente sua rotina no Hospital Regional do Cariri. Hoje, Jonas não trabalha mais diretamente com o combate ao Coronavírus, mas ainda pode sentir os impactos dele em sua profissão.

“No começo tudo era muito novo, todos nós fomos pegos de surpresa com toda situação que se alastrou de forma bem rápida”, afirma o técnico em enfermagem. Assim que souberam que o Hospital Regional do Cariri iria virar referência para os casos da pandemia, os profissionais tiveram que se adaptar rapidamente aos novos treinamentos e aos novos procedimentos de segurança. Houve um processo de transição de unidades, suspensão de cirurgias não graves e setores como medicações rápidas foram suspensos e transformados em Unidades de Covid-19, para receber os pacientes suspeitos e confirmados do novo vírus.

O impacto pode ser sentido além das paredes do hospital. Jonas relata que sua vida pessoal foi drasticamente alterada, da noite para o dia. O estudante de jornalismo tem um núcleo familiar formado por 11 pessoas, incluindo pai, mãe, irmãos e sobrinhos. Mesmo com todos os protocolos de higiene, que incluíam banhos antes

NÃO TENHO MAIS AQUELE AFETO EM ABRAÇAR MINHA FAMÍLIA, POR PRECAUÇÃO, MESMO NAS DATAS COMEMORATIVAS

e após cada atendimento, existia a tensão da contaminação da doença, de fácil contágio.

“Não tenho mais aquele afeto em abraçar minha família, por precaução, mesmo nas datas comemorativas”, afirma. Ele está, atualmente, alocado no Home Care Cariri e na UTI pediátrica do Hospital São Camilo em Crato, mas diz que os ecos da pandemia ainda reverberam em seu cotidiano. Eles já receberam um paciente suspeito de Covid-19, que ficou em isolamento e foi transferido para outro hospital. Além disso, todas as precauções ainda vigoram, já que o Hospital São Camilo tem uma ala para pacientes adultos vítimas da Covid-19.

Essa realidade de insegurança e medo também se estende aos seus colegas e amigos de profissão. Além disso, a desvalorização dos profissionais de enfermagem, que segundo Jonas, não possuem remuneração e carga horária justa, afeta diretamente o ânimo daqueles que fazem parte da categoria. “Muitos profissionais da saúde



Durante a pandemia, muitos profissionais da saúde se utilizaram de fotografias e das redes sociais para tentar conscientizar a população.

de são vítimas do vírus, mas isso não faz que recuemos”, coloca.

Além de fazer parte do corpo de profissionais da área da saúde, Jonas também é estudante de jornalismo, e pode sentir a importância da imprensa nesse momento para conscientizar a população acerca da importância de se seguir as normas de isolamento social e os protocolos de segurança, bem como os riscos do descumprimento dos mesmos. Para ele, as duas profissões estão ligadas: enquanto a imprensa combate o vírus através da conscientização e da exposição de dados numa ponta, os enfermeiros combatem suas consequências em outra. “Quanto mais as pessoas estiverem informadas, conscientes, menos pessoas ocupam os leitos, evitam assim o colapso do sistema de saúde”.

O jovem diz que, quanto a memórias, gosta de extrair o lado bom de qualquer situação para carregar consigo. Entretanto, dada a gravidade do momento que vivemos, não consegue puxar nenhuma boa lembrança de suas experiências. Daqui, entretanto, ele levará aprendizados. Aprendizados, estes, que mudaram suas noções sobre o mundo ao seu redor e sobre si mesmo. “Quero viver mais intensamente, valorizar familiares e amigos e, principalmente, saber distinguir o real valor da vida”.

Apenas de olhos visíveis

O rosto de Lucas Vinícius possui traços de maturidade que vão além dos seus 21 anos, resultantes da responsabilidade de se trabalhar diretamente com vidas. Responsabilidades, estas, que surgiram cedo na sua vida. Ele tinha apenas 17 anos quando passou no concurso para técnico em Enfermagem no Hospital Regional do Cariri. Para assumir o cargo precisou até pedir emanci-

A GENTE SEMPRE TRABALHOU COM SITUAÇÕES MUITO DIFÍCEIS, SEMPRE PRESENTES NOS MOMENTOS MAIS DIFÍCEIS DAS VIDAS DAS PESSOAS, MAS UMA PANDEMIA TRÁS CONSIGO UMA CARGA MUITO MAIS INTENSA



Foto: Acervo pessoal

pação legal, já que era necessária a maioria legal. Mas foi uma atitude que tomou em busca de realizar um sonho.

“Foi sempre a área que eu quis, saúde, porque quando eu era pequeno eu tinha muito contato com hospitais pelo fato que tenho asma”, afirma o jovem. Hoje, quatro anos após o início de sua carreira na profissão tão sonhada, Lucas enfrenta desafios até antes inimagináveis. Além do cargo que assume no HRC, ele também atua como socorrista no SAMU-CE, e sua rotina foi alterada de forma drástica em ambos os locais.

No Hospital, ele trabalha a noite, em dias alternados, entrando às 18h30 religiosamente. Antes de entrar em contato com os pacientes, ele deve tirar as roupas nas quais chegou, passar na rouparia, pegar duas roupas uniformizadas para aqueles que trabalham diretamente com os pacientes do vírus (de cor laranja) e uma toalha para tomar banho. Todo esse processo apenas para chegar até a UTI. Finalmen-

te, antes de entrar lá, ele deve trocar de roupa, passar na farmácia para pegar o material para se paramentar (como avental, gorro, máscara cirúrgica e botas), até que finalmente começa seu plantão. Já no SAMU, além dos cuidados de segurança que também foram adicionados a rotina, o tipo de ocorrências também mudou. Antes, havia uma boa quantidade de chamados para acidentes de trânsito, hoje esses números diminuíram consideravelmente.

É uma rotina exaustiva. Na UTI, onde ficam os casos graves, o técnico em enfermagem reforça que deve sempre estar em estado vigilante. Os pacientes necessitam de reposições de medicamentos constantes, além da atenção redobrada para evitar o contágio dos profissionais e até mesmo entre os próprios pacientes, já que

até o resultado do teste não há certeza sobre quais são os casos positivos. “A gente sempre trabalhou com situações muito difíceis, sempre presentes nos momentos mais difíceis das vidas das pessoas, mas uma pandemia traz consigo uma carga muito mais intensa”, coloca.

São desses pacientes que Lucas irá guardar memórias para a vida inteira. Em uma noite, o técnico estava cuidando de um paciente, um senhor, de cinquenta anos, caminhoneiro, que tinha contraído o vírus. Em determinado momento, enquanto ele administrava sua medicação e monitorava seus sinais, ele percebeu que o paciente estava com os olhos marejados, pois tinha falado com alguém da família dele. Ele olhou então para o jovem e perguntou: ‘Meu filho, será se eu vou



Profissionais da saúde e gestores públicos na Unidade de Referência para tratamento da Covid-19 na cidade de Crato.




sair dessa, será se eu vou escapar?’, algo que ele não pode responder.

“É difícil para o paciente lidar com o medo do vírus ao mesmo tempo que está isolado de tudo e todos. Mesmo nós, os profissionais que cuidamos deles, estamos vestidos dos pés a cabeça, apenas com os olhos visíveis, o que cria uma barreira. A partir do momentos que nos colocamos no lugar deles percebemos o quanto é doloroso”, interpreta Lucas.

Além da difícil relação com os pacientes, há também a pressão com os familiares. Embora Lucas more afastado dos pais, que vivem na cidade de Milagres, no interior do Ceará, fato que ele agradece todos os dias pelo risco do contágio, ele conta que a preocupação deles é redobrada, justamente por causa da distância. “Minha mãe é quem está mais abalada com isso. Ela chora constantemente, não só pela saudade,

mas pelo medo do que pode acontecer comigo. É muito difícil para eles”.

Para além de todas essas dificuldades que se tornaram uma constante na sua vida, ele não esquece de seus sonhos. Atualmente concilia seus afazeres profissionais com um curso de pré-vestibular, que realiza de forma online nas horas vagas. Sua meta é conseguir fazer medicina e continuar na área da saúde, trabalhando com vidas. 

Saiba mais

Devido à demanda crescente de pacientes infectados pelo novo Coronavírus, o município de Juazeiro do Norte instalou, no Ginásio Poliesportivo, um Hospital de Campanha, com o fim de atender a região do Cariri. O lugar foi escolhido de maneira estratégica, já que se encontra vizinho ao Hospital Regional do Cariri (HRC), onde recebe os casos mais graves com a doença. A montagem do hospital foi iniciada no dia 6 de junho. Inicialmente, previu-se a instalação de 80 leitos clínicos exclusivos para o tratamento da Covid-19, sendo 6 leitos semi-intensivos, conhecidos como eixo vermelho, onde acolhe pacientes que estão evoluindo para um estado grave e 74 leitos destinados ao tratamento clínico, para pacientes estáveis. Além disso, sua estrutura conta com duas farmácias centrais, dois postos de enfermagem, repouso médicos, banheiros, abrigos de resíduos e estacionamento. O entorno do Ginásio recebeu asfaltamento com o fim de facilitar a mobilidade e o acesso.



MACONDO É AQUI

Lá não tem cinema, não tem transporte público, não tem casas de shows. Ao cair da noite o comércio fecha e todos voltam para casa. Máscaras e álcool gel mudaram a rotina das pessoas, mas não tanto. Conheça o cotidiano de Tarrafas, uma espécie de Macondo, do célebre romance "Cem Anos de Solidão", de Gabriel García Márquez.

Por Wesley Vasconcelos



Colagem: Júlia Marques

"É engraçado voltar para casa. Tudo tem a mesma cara, o mesmo cheiro. Nada muda. Nos damos conta de que quem mudou fomos nós."

As relações com nossos lares são construídas e firmadas de formas diversas e igualmente interessantes. Talvez, justamente por serem diferentes. Fico pensando nisso, em parte foi o motivo de eu ter iniciado este texto com uma passagem de "O Curioso Caso de Benjamin Button", em parte por eu sempre estar voltando para casa.

Se moramos nossa vida toda em um mesmo lugar, o ambiente físico é quem nos transporta mais para as memórias de tempos passados, e nós vamos puxando elas a partir dos lugares sobre os quais nossos olhos param. As primeiras árvores que subimos, o lugar do primeiro passeio de bicicleta bem sucedido, e os diversos lugares onde caímos até conseguir esse sucesso.

Se as diversas forças do universo não permitiram o crescimento de nossas raízes memoriais em um mesmo lugar, e fizeram com que as nossas famílias se mudassem tal qual os nômades de tempos passados, nossas memórias acabam se moldando às circunstâncias nas quais estamos

inseridos, e se constroem a partir das pessoas e objetos que carregamos, sem contar das memórias autosuficientes, que existem em nós, independente de tudo. Ao invés de resgatar as lembranças de tombos passados de bicicleta a partir dos lugares onde caímos, essas memórias surgem a partir da própria bicicleta em si, ou até mesmo de nossas cicatrizes nos joelhos e braços.

Enfim, certamente que isso tudo não é regra, nada é, se a gente pensa bem.

Mas por que eu trouxe isso tudo?

Bem, eu me encaixo em um limbo, entre o primeiro e o segundo exemplo, minhas raízes flutuaram por muitos locais, muitas mudanças e acabei encontrando onde fixar essas raízes só em 2010, quando retornei para Tarrafas, inicialmente com vozinha e em seguida veio o restante da minha família. E pensar o "voltar para casa" estando nesse limbo é interessante porque voltei para casa diversas vezes e em diversas localidades, sendo que nunca estive em casa até chegar em Tarrafas com vozinha. A gente sente quando chega em casa, e sente ainda mais quando volta para ela.

Acho importante, antes de tudo, trazer aqui uma breve contextualização para você, que



Rua mais extensa do centro de Tarrafas: rua São José, que corta a sede de uma ponta a outra.



Tarrafas vista de cima. Em primeiro plano está parte do bairro Bulandeira com a praça da rádio. Ao fundo, a serra dos Bastiões.

está lendo este texto e se perguntando “mas o que é Tarrafas, afinal?”.

Bem, Tarrafas é um município localizado a uma distância de 120 km de Juazeiro do Norte, fica em uma das fronteiras entre o Cariri cearense e a região Centro-sul. É uma cidade pequena, com pouco mais de 8.900 habitantes, e jovem

Geograficamente, se localiza no chamado Vale do Bastiões (nome do rio principal da cidade), cujas serras tinham boas quantidades de esmeraldas e o leito do rio muito ouro, levados pelos holandeses que, quando não conseguiram colonizar os índios que aqui viviam, os roubaram. É desse vale também de onde Tarrafas é a

ESSA CIDADE QUE CONTA COM UMA BAGAGEM HISTÓRICA QUE COMPENSA A POUCA IDADE, AFINAL, A HISTÓRIA DE TARRAFAS VEM MUITO ANTES DELA MESMA, TRANSCENDE A EMANCIPAÇÃO, PORQUE A MEMÓRIA DA CIDADE GERA E É GERADA PELA MEMÓRIA DO POVO

também, completando em 21 de outubro de 2020 seus 32 anos de emancipação política. Suas principais vizinhas são Cariús (no lado centro-sul) e Assaré (no lado Cariri), da qual, inclusive, costumava ser distrito até 1988.

princesa, foi esse o motivo que levou sua única rádio a se chamar Princesa Fm.

Além disso, Tarrafas ainda é a rainha das ladeiras, há boatos de que foi uma homenagem da mãe natureza aos cardiologistas, criando uma

cidade semelhante ao eletrocardiograma de um coração agitado.

A origem do nome também é interessante de se falar. Antes de ser Tarrafas, se chamava Aroeiras, que era o nome da grande fazenda da fundadora, dona Teresa Moreira, que tinha vários espécimes de aroeira. Certo dia, um pescador lançou sua tarrafa (rede de pesca) no rio Bastiões e acabou prendendo ela em algum lugar de onde não conseguiu tirá-la. Foi a primeira breaking news tarrafense, aparentemente, porque a história correu o mundo e, logo depois, o lugar foi sendo chamado de "lugar da tarrafa", ou só "tarrafa", para indicar os entornos do rio que protagonizou o ocorrido, e aí, a aroeira foi derrubada para dar lugar à Tarrafas.

Tarrafas, assim como toda cidade pequena, não só é lar de mestres e mestras da nobre arte de descobrir informações e passar adiante (popularmente conhecida como fofoca), como vai além, já que teve seu nome definido por uma. Sentiu o poder?

Bem, isso tudo foi fruto da vivência nas terras tarrafenses, que me ensinaram sobre sua história, com mais detalhes do que poderia contar aqui, seus habitantes, suas paisagens naturais e históricas e tudo mais que pude absorver nos anos em que aqui moro.

Contextualização feita, seguimos com o relato.

Depois de sete anos cheios de vivências, aprendizados, conexões, reconexões, afetos e desafetos, foi chegada a hora de bater as asas e ir voando igual a um soldadinho do araripe até a UFCA, em 2017, *alea jacta est* (a sorte foi lançada), vamos de graduação. Com idas ocasionais em fins de semana, feriados prolongados e férias, as raízes tarrafenses se conservaram nos últimos quase quatro anos. Até que veio 2020.

O ano de 2020 só deu tempo para as pessoas fazerem planos de viagens, congressos, formaturas e tudo mais. Ainda no começo do ano, a pandemia chegou ao Brasil, se espalhou rapidamente e, pelo menos no início, as pessoas tiveram medo, e respeitaram o *lockdown*.

E aí, depois de passar as últimas férias longe de Tarrafas, ser obrigado a retornar para casa por conta da pandemia, serviu também para matar a saudade. Mas também foi uma oportunidade para observar a mudança causada pela pandemia em

SE MORAMOS NOSSA VIDA TODA EM UM MESMO LUGAR, O AMBIENTE FÍSICO É QUEM NOS TRANSPORTA MAIS PARA AS MEMÓRIAS DE TEMPOS PASSADOS

uma cidade pequena como Tarrafas, e poder comparar com o que pude acompanhar virtual e televisualmente em cidades maiores como as que compõem o CRAJUBAR e algumas capitais do país.

E qual foi o impacto do coronavírus em Tarrafas?

Voos foram suspensos. Ok, mas aqui não tem aeroporto.

Transportes coletivos reduziram as frotas e a quantidade de passageiros. Ok, mas aqui não tem transporte público (com rotas municipais).

Casas de shows fecharam. Ok, mas aqui não tem casas de shows, só alguns bares com espaços para um forrozinho.

Então você que está lendo se pergunta: "oxe, não mudou nada?"

Em determinados períodos do ano, o período de quarentena é o "normal", a cidade dorme cedo, comércio geralmente fecha ao cair da noite e aí todos ficam em suas casas, não há muito o que fazer. As pessoas passaram a usar máscara e a andar sempre acompanhadas de um potinho de álcool em gel, apertos de mãos eram raros e as visitas diminuíram também. Os primeiros meses realmente assustaram a todos (com razão) e o cumprimento aconteceu bem. Talvez tenham sido estimulados a seguir as regras do isolamento pelo fato de 1) o hospital daqui não possuir UTI, 2) os únicos respiradores disponíveis serem os que vieram com cada pessoa no nascimento, também conhecidos como nariz e, para fechar a tríade de argumentos, 3) o cemitério estar aglomerado, ou seja, mais vagas para disputar até no pós vida.

O ano foi passando, e chegou o mês de Agosto, onde a tradicional festa da padroeira, Nossa Senhora das Angústias, sofreu muitas mudanças. Primeiro que na igreja só pode ficar

o padre, e os santos, com alguns membros do terço dos homens ou do coral de senhoras que participaram em alguns dias. Tarrafas também tem um ponto interessante a se comentar sobre a festa da padroeira, a novena começa dia 8 e acaba dia 15, sim, isso mesmo, nossas novenas, que como o próprio nome diz, são 9 dias, aqui acontecem em 7. Será que é por isso que Nossa Senhora é Angustiada?

A pandemia também impediu que acontecessem outras coisas que vinham acompanhadas da festa da padroeira: a festa de Agosto. Um turbilhão de barracas vendendo diversos produtos, de roupas exclusivas que existem em todas as barracas em quantidades infinitamente iguais até os nostálgicos sorvetinhos de água. Noites de shows onde as pessoas se encontravam, flertavam, dançavam, bebiam e aproveitavam tanto as coisas do mundo que até esqueciam que era a festa de uma santa. Outro acontecimento era que nessas festas algumas pessoas percebiam que seus looks exclusivos

também estavam vestindo mais 265 pessoas da mesma forma.

Em agosto também viria o parque! Para alegria das crianças, já crescidas ou não. Carrinho bate-bate, roda gigante, a barca e o surf, que eram os mais radicais, também tinha o samba, que demorava mais para aparecer mas que sempre quando aparecia, tinha uma pessoa no meio, provando que tinha equilíbrio...

Em Titanic, Rose, ao falar sobre Jack, resumiu o sentimento dos tarrafenses com a festa de agosto que não aconteceu, quando disse "agora ele existe apenas em minha memória..." te entendemos Rose!

Outra coisa, por coincidência, a pandemia acabou acontecendo em um ano onde o sangue tarrafense ferve tanto que só falta evaporar nas veias: ano de eleições municipais! E esse ano seria tão animado que deixaria a Segunda do Papoco Zenir no chinelo! A chapa que venceu em 2016 se separou, indo o prefeito para um lado,



Foto: Site da Prefeitura Municipal de Tarrafas

Jovens tarrafenses na roda gigante durante a Festa de Agosto.

**VOLTAR PARA CASA ME FEZ VER
UM LADO BOM DA PANDEMIA, QUE
ME OBRIGOU A LEMBRAR ONDE É
MINHA CASA E PORQUE EU QUERO
TANTO QUE CONTINUE SENDO.**

o pai do prefeito (que inclusive foi o primeiro prefeito de Tarrafas) apoiando um candidato de outro e o vice-prefeito se lançando como o terceiro candidato do pleito. E por outro lado, a oposição em 2016, se aliou à situação em 2020. Mais candidatos a vereadores que eleitores

marco histórico de, em seu 10º pleito, realizar um processo eleitoral com 3 candidatos, e nas circunstâncias aqui elencadas.

Voltar para casa me possibilitou aplicar muitas coisas que venho lendo, aprendendo, ouvindo e discutindo na universidade, e a perceber as múltiplas Tarrafas que coexistem no mesmo lugar, com seus 454 km². A Tarrafas urbana, a rural, as novas gerações, as gerações intermediárias e as mais antigas. Pude perceber a riqueza histórica que essa cidade carrega, o fato de ter sido fundada por uma mulher, que pode ou não ter existido, mas ainda carrega todo um peso simbólico, o protagonismo feminino também reside no fato de ter tido mais prefeitas

Foto: Site da Prefeitura Municipal de Tarrafas



Fachada da E.E.F.M. Dona Emília Ferreira de Oliveira, em meados da década de 1990.

para elegê-los... Tarrafas não brinca em serviço quando o assunto é política!

Não que esse ano a animação não aconteça, mudanças aconteceram e vão acontecer. As visitas dos candidatos para pedir votos estão diferentes, as máscaras estão sempre presentes, se em 2016 cada candidato era acompanhado por uma caravana, reduziu-se para visitas com menos pessoas em companhia, e a pré-campanha teve essa função, a de possibilitar visitas mais espaçadas, com mais cuidado e menos riscos para a saúde dos candidatos e eleitores, sem contar que o adiamento das eleições só aumentou o período de campanha.

Em um ano como 2020, onde uma pandemia se mostra firme e forte e as vacinas ainda estão em fases de testes, Tarrafas inaugura o

que prefeitos. Outro fato é o de a nossa praça principal já ter sido capela, cemitério, igreja, chafariz e só em meados dos anos 90, praça. De nossa principal avenida ter sido batizada com o nome de uma professora, assim como nossa escola da sede, um dos nossos postos de saúde, diversas ruas e a nossa própria emancipação municipal ter sido encabeçada por, dentre outras pessoas, professores, em especial uma professora, que assumiu diversos cargos na educação tarrafense e ainda foi uma das responsáveis pelas articulações que permitiram a vinda de uma escola de ensino médio.

Tarrafas é um caldeirão histórico, a memória oral transporta tudo isso, existindo nas histórias contadas pelos tarrafenses mais vividos e nos jovens dispostos a ouvir. A antiga fazenda Aroeiras, que foi emancipada duas vezes, porque




Praça Dona Teresa pouco depois de sua construção, em 1995.

a ditadura derrubou a primeira tentativa de emancipação, e que tem um povo de animação invejável, jeitinho único de dançar forró, fazer política, tem sua história distribuída em cada ponto da cidade. Até as pedras do caminho têm história para contar.

Todas as memórias para se pensar uma história, ou uma diversidade de maneiras de se lembrar e contar o passado tem um pedacinho existindo em cada tarrafense, ansiando para ser posto para fora, para que alguém monte o quebra cabeças memorial, e assim, não seja esquecido.

Uma cidade jovem, de 32 anos e uma infinidade de ladeiras, que ainda assim não foram obstáculos para que a cidade crescesse para todo lado, desafiando a própria gravidade.

Essa cidade que conta com uma bagagem histórica que compensa a pouca idade, afinal, a história de Tarrafas vem muito antes dela mesma, transcende a emancipação, porque a memória da cidade gera e é gerada pela memória do povo.

Voltar para casa me fez lembrar o porquê, dentre diversos lugares por onde andei, que Tarrafas foi e é minha casa. Me fez conhecer mais sobre a cidade, observar as peculiaridades e ouvir muitas histórias sobre o passado desse município que me escolheu. Voltar para casa me fez ver um lado bom da pandemia, que me obrigou a lembrar onde é minha casa e porque eu quero tanto que continue sendo. 



Uma das ladeiras de tarrafas, popularmente conhecida como Ladeira do Hospital.

A SOLIDÃO DE PADRE CÍCERO

Juazeiro do Norte fechou templos e proíbe romeiros

Padre Cícero José da Silva retirou a pequena escultura em gesso de Nossa Senhora das Dores do altar a céu aberto e caminhou até o limite da Colina do Horto. Do ponto mais alto de Juazeiro do Norte, no Ceará, ergueu a imagem da padroeira do município e abençoou a população. O rito aconteceu perto de uma estátua muito maior, de 27 metros de altura, que representa o padre mais famoso do Nordeste, Cícero Romão Batista, “padrinho” e fundador da cidade.

Por Felipe Azevedo - texto foi publicado originalmente na edição 164 da revista Piauí

Era 4 de abril, véspera do Domingo de Ramos e início de uma Semana Santa estranha em Juazeiro do Norte, uma das localidades com maior afluência de romeiros do país.

Cerca de 200 mil pessoas costumam visitar a cidade nessa época, segundo a igreja local. Os fiéis aproveitam a data para pagar promessa junto ao monumento a Padre Cícero e rezar em outros locais de culto. O Centro também fica cheio de gente vinda de diversos estados, que transita para lá e para cá entre centenas de vendedores ambulantes e pedintes.

Naquele dia, entretanto, cerca de quinze pessoas apenas, incluindo os religiosos e os músicos, acompanhavam a bênção na Colina do Horto.

Desde 23 de março, quando a prefeitura proibiu a entrada de romeiros em Juazeiro do Norte, por causa do novo coronavírus, os espaços

religiosos ficaram desertos e as ruas perderam grande parte do movimento.

A decisão da prefeitura veio na sequência de um decreto do governo estadual que mandou fechar o comércio, restringir a circulação das pessoas e interditar hotéis no Ceará, um dos estados mais atingidos pela Covid-19. Até 22 de novembro, havia 291.617 pessoas infectadas e 9.485 óbitos nas cidades cearenses.

Uma semana depois da proibição, ainda no que pode ser considerado o início da pandemia no país, comerciantes informais em Juazeiro do Norte tentaram voltar ao trabalho e montaram barracas nas calçadas, à espera dos romeiros, que não apareceram. Um veículo do Corpo de Bombeiros passou a percorrer a cidade, transmitindo mensagens que pediam às pessoas que ainda continuavam nas ruas para retornarem às suas casas.

O município de 275 mil habitantes tinha, até 21 de novembro, 16.039 casos confirmados de





contágio e 315 óbitos, conforme a Secretaria de Saúde.

A ausência dos romeiros coloca desafios à igreja e aos lugares de culto. No Horto do Padre Cícero, é a doação dos peregrinos que ajuda a pagar o salário dos 35 funcionários – seguranças, agentes de limpeza e guias, dentre outros. Com os portões fechados, a administração do local temeu o pior. “Estamos reforçando a campanha para os nossos 4 mil afilhados, pessoas que fazem doações online em todo o Brasil ao longo do ano. É a nossa esperança durante o período de quarentena”, disse Francisca Maria Santana do Nascimento, gestora do Horto há dois anos, ainda em março.

“O que mais entristece é que os romeiros não poderão pagar promessas, uma falta injustificável para muitos deles. Recebo ligações todos os dias de gente querendo saber até quando isso vai durar.” A visita ao Horto só iria ser retomada em setembro, seis meses depois, cumprindo uma série de protocolos sanitários.

Também não veio ninguém ao aniversário de Padre Cícero, em 24 de março, quando a cidade

prepara um bolo de 100 metros de comprimento para ser oferecido durante a festa religiosa (neste ano, tudo foi cancelado). O religioso nasceu em 1844 e morreu em 1934. Foi sepultado na Capela de Nossa Senhora do Socorro, outro lugar de peregrinação dos romeiros, pessoas que são fáceis de serem identificadas no frenesi habitual das ruas: além de andarem em grupos, costumam portar um chapéu de palha – adereço que é marca registrada do “Padim Ciço”, que nunca largava o seu.

“É uma pena”, lamentou o padre Cícero José da Silva, reitor da Basílica Menor do Santuário de Nossa Senhora das Dores. “O que aconteceu vai ficar marcado na nossa mente para o resto da vida. Somos acostumados a ver a praça cheia.”

Silva, que tem 45 anos e usa lentes grossas, é chamado em Juazeiro do Norte de “vigário dos romeiros”. Como ele, ao longo do ano todos os padres são anfitriões dos 1,6 milhão de peregrinos (nos cálculos da Secretaria de Turismo e Romaria), nas várias festas religiosas, como as romarias de Nossa Senhora das Candeias – de 29 de janeiro a



3 de fevereiro – e de Finados – de 29 de outubro a 2 de novembro.

Após o decreto do governo estadual, o bispo da Diocese de Crato, dom Gilberto Pastana, divulgou uma nota em que orientava todas as igrejas a fecharem as portas e celebrarem missas sem a presença de fiéis. As celebrações agora são apenas quatro por dia, transmitidas pela internet. A confissão foi suspensa por tempo indeterminado, e as reuniões dos religiosos passaram a ser feitas por videoconferência.

“Basta fazermos o máximo para não nos tornarmos transmissores da enfermidade que assola o mundo, a salvação se dá pela permanência em nossas casas”, disse Silva na homilia da Sexta-Feira Santa, no púlpito da basílica sem fiéis. Os bancos da igreja estavam cobertos com as bandeiras dos nove estados do Nordeste, representando os romeiros isolados em casa. Ele completou seu sermão de dez minutos lembrando o Padre Cícero: “O padrinho sempre respeitou a vida.”

A bênção na Colina do Horto foi um raro momento em que o padre Silva saiu à rua quando a

doença esteve em seu momento mais crítico na cidade. Ele e mais quatro religiosos permaneceram isolados na casa paroquial da basílica, erguida no mesmo local onde, há 145 anos, Padre Cícero mandou construir uma igrejinha. Naquela época, Juazeiro do Norte ainda se chamava Joazeiro e era uma pequena vila com 32 casas.

Outros padres que vivem no prédio anexo à basílica também estiveram em quarentena. Acostumados a rezar e comer juntos, eles passaram a realizar as refeições mantendo distância uns dos outros, estando a maior parte do tempo em seus quartos, sozinhos. 🍷

Estar em isolamento social é um privilégio

Por Breno Árleth

Das palavras da minha mãe, faço as minhas: de fato, não me parece insuportável, como muitos afirmam, ficar de quarentena em casa, quando se têm benefícios que diversas pessoas não os possuem, por exemplo, comida suficiente e balanceada, internet, Netflix, televisão, boletos pagos e um quintal amplo para fazer churrasco regado à cerveja puro malte.

Há gente sofrendo devido à ansiedade, à depressão e aos demais maus do século, é óbvio. Minha intenção não é menosprezar suas dores, nem dos outros que sofrem por motivos diversos por causa do isolamento social. Só não gosto, e você também não deveria gostar, do exagero daqueles que colocam o resguardo em casa à mesma latitude e longitude do inferno,

principalmente quando dispõem de conforto e de outras comodidades comuns ao que podemos classificar como boa vida.

Não há como não sofrer com o distanciamento da vida lá fora. Sequer tivemos tempo de dizer um "até logo". Mas há como não ignorar a crescente desigualdade social e ser mais empático, evitando postar seu "tédio" e "cansaço" causados por acordar todos os dias e repetir o mesmo ritual, encontrar um café da manhã esperando à mesa, filmes e séries perguntando se deseja uma sessão, cerveja gelada repousando no refrigerador e piscina ansiosa pelo seu mergulho; há como reconhecer que, mesmo sofrendo por permanecer dia após dia em casa, é vantajoso



dispor de tantos privilégios, assim como mais confortante do que o isolamento de muita gente.

Com o ataque da pandemia, muita coisa mudou. Mas, infelizmente, muitas pessoas e suas atitudes irresponsáveis permaneceram intactas. Mais insuportável que a quarentena, é a ausência de proteção e reconhecimento aos profissionais da saúde, por exemplo, que além das jornadas exaustivas de trabalho, estão quase doando o próprio sangue nos hospitais que atendem pacientes com Covid-19. Também é insuportável a postura de pessoas que deveriam ser lideranças na prevenção e no combate ao vírus, mas preferem desqualificar orientações científicas, iniciar tensões políticas e travar recursos essenciais ao socorro dos hospitais

colapsados e das famílias famintas. Lembre-se do excelentíssimo Presidente da República, o qual só citarei até o cargo, nada de nome. Quero evitar invocações!

Pois bem, insuportável, como podemos concluir acima, talvez não seja o melhor adjetivo para atribuir ao isolamento social. Eu usaria difícil, o que não o torna impossível de ser vivenciado. Em tempos de pandemia, poder ficar em casa é um privilégio sem comparação do qual milhões de pessoas não podem desfrutar. Permaneça em sua residência, mas tente não exagerar tanto nas reclamações sobre o isolamento, principalmente, quando você aparenta estar bastante confortável e quando ele é a sua principal ação preventiva contra uma doença mortal.

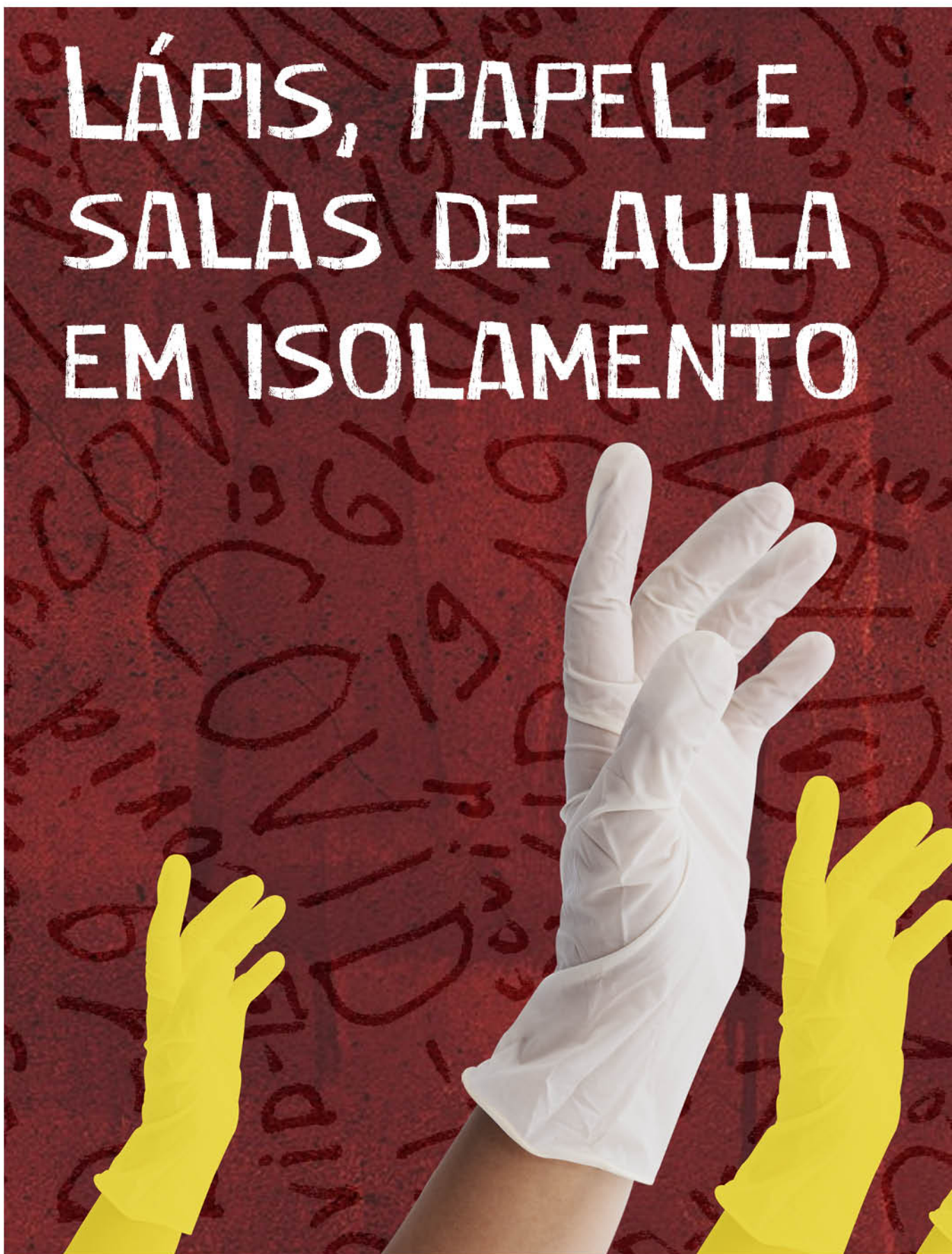


@iurio.art

Iúrio



LÁPIS, PAPEL E SALAS DE AULA EM ISOLAMENTO





Colagem: Hévila Ribeiro

Após enfrentar crises como a da Peste Negra, no século XIV, e a da Gripe Espanhola, em 1918, o mundo se depara com mais uma pandemia: a do novo coronavírus. O vírus, que causa a Covid-19, espalhou-se rapidamente pelos continentes por conta da sua alta taxa de contágio. Para conter a propagação da doença, foi estabelecido um período de quarentena na maior parte do mundo, paralisando a vida de muitas pessoas e acarretando mudanças na sociedade. A nova realidade, além de exigir cuidados como o uso de máscaras e a higienização das mãos com álcool em gel, trouxe impactos para todos os âmbitos, como saúde, economia e educação.

Por: Aline Fiuza

Com o isolamento social, escolas e universidades foram fechadas por tempo indeterminado, como medida de segurança para evitar a disseminação do vírus. Segundo relatório do Banco Mundial, em cerca de três semanas de março, mais de 1,5 bilhão de alunos em 165 países foram afetados pelo fechamento de escolas devido à pandemia do coronavírus. Alguns países adotaram o fechamento total de escolas, outros apenas em zonas consideradas de risco ou deixaram abertas aquelas com crianças pequenas cujos pais trabalham em setores críticos para a sociedade. No Brasil, desde março, a maior parte dos governos estaduais e municipais optou pelo fechamento total, para reduzir as chances de que os estudantes se tornassem vetores do vírus para suas famílias.

Dessa forma, as instituições de ensino tiveram que se adaptar à nova realidade, com estudantes e professores em casa. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), recomendou a utilização de programas de ensino à distância por meio de plataformas e recursos educacionais abertos, como rádio e televisão. Assim, seria possível manter o contato entre escolas, professores e alunos, viabilizando aulas de forma remota e diminuindo o impacto do encerramento na aprendizagem.

Consequentemente, ensino à distância, aulas remotas on-line ou, até mesmo, paralisação total das aulas, mantendo apenas atividades extracurriculares, foram algumas das medidas tomadas para tentar amenizar os danos da suspensão das aulas presenciais. Apesar dessas alternativas adotadas, os

prejuízos aos alunos ainda são muitos, como atraso do conteúdo, dificuldade de acesso e baixa qualidade do ensino.

O ensino à distância, solução imediata encontrada pelas instituições para manter as aulas, exige acesso à internet para estudantes e professores, ferramentas virtuais de aprendizagem e novas metodologias para as aulas. Sem os meios necessários, muitos estudantes têm encontrado dificuldades para acessar os conteúdos on-line. E ainda há outros problemas, como o fato de que muitos professores não receberam treinamento para usar essas ferramentas e que os pais dos alunos, que também devem estar trabalhando em casa nesse período, podem se sentir pressionados a ajudar os filhos nas tarefas sem ter tempo suficiente para isso.

Assim, essa suspensão das aulas expôs várias questões que afetam o acesso à educação, como questões socioeconômicas. As interrupções atingem pessoas em todas as sociedades, porém, seu impacto é ainda maior para aqueles que não possuem o mínimo para um ensino à distância, como internet e computadores. Cerca de 826 milhões dos alunos que estão fora das salas de aula, devido à pandemia da Covid-19, no mundo, não têm acesso a um computador em casa. De acordo com a Unesco, quase 706 milhões não têm ligação doméstica de internet.

No Brasil, 52,8 milhões de alunos, da educação infantil ao ensino superior, foram afetados pela pandemia. Segundo uma pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil, divulgada em 2019, 58% dos domicílios brasileiros não têm acesso a

computadores e 33% não dispõem de internet. Os dados apontam ainda que, nas áreas rurais, 43% das escolas não têm acesso à internet. A desigualdade no acesso à rede é ainda maior nas classes mais baixas, mostrando como o ensino on-line não é tão acessível quanto o presencial.

Além da paralisação das aulas, outra medida tomada pelas autoridades brasileiras foi o adiamento do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2020, porta de entrada de muitos estudantes para universidades. A prova, que geralmente acontece no mês de novembro, foi suspensa por conta da pandemia, pois com as escolas fechadas em todos os estados, havia receio de que os estudantes não conseguissem se preparar a tempo.

O Ministério da Educação (MEC) promoveu uma enquête direcionada aos inscritos do Enem para decidir a nova data. A prova ficou marcada para janeiro de 2021, no entanto, a data não agradou uma boa parte dos estudantes. Isso porque o MEC ignorou o resultado da consulta pública que havia feito com os candidatos. Na

pesquisa, a maioria indicou que preferia a data de maio de 2021 para o exame.

No Cariri, a maioria das faculdades privadas, como o Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (Unileão), optou por manter um ensino à distância. A instituição decidiu continuar com as atividades acadêmicas em andamento através de um plano de aulas remotas, evitando atraso no calendário e mantendo os estudos dos alunos. Em um curto período de tempo, a Unileão fez o planejamento para o novo ensino e deu início às suas aulas. Entretanto, muitas universidades públicas se viram incapazes de fazer o mesmo de imediato.

A Universidade Federal do Cariri (UFCA), por exemplo, paralisou totalmente as aulas de março até agosto, mantendo ativos apenas os projetos vinculados à instituição. Após um período de análise, a Universidade decidiu ofertar um semestre letivo especial a partir de agosto. Os componentes curriculares foram propostos pelos docentes de forma opcional, sendo ministrados por tecnologias digitais e outros meios de ensino remoto, como videoaulas,



Pátio da escola EEEP Dr. José Iran Costa em Várzea Alegre

Foto: Acervo da Instituição



Foto: Acervo Pessoal

Maria Eduarda, 16, estudante da escola profissional Dr. José Iran Costa em Várzea Alegre

conteúdos organizados em plataformas digitais, redes sociais, e-mail e outros.

Já as escolas da rede estadual, como a EEEP Dr José Iran Costa, em Várzea Alegre, optaram por um período letivo exclusivamente de forma remota, seguindo um planejamento de ações com o intuito de preservar o processo de ensino e aprendizagem de maneira segura. As aulas on-line acontecem por meio de ferramentas como o Aluno Online, Professor Online e o Google Sala de Aula.

Portanto, o isolamento social tem obrigado o mundo a se adaptar às formas digitais de trabalhar, ensinar, estudar e aprender. Esse período mostra como cenários mudam bruscamente, nos cobrando reinvenção constante, já que instituições de ensino, coordenadores, professores e estudantes em todo o mundo tiveram que se adaptar repentinamente à nova realidade para dar continuidade às atividades educacionais.

Nesta matéria, os estudantes cariarienses Maria Eduarda Daltro (16), Nara Rayssa (19) e Matheus Fersanto (20) contam suas experiências

de estudos em casa durante o período de quarentena com o uso de ferramentas digitais.

Maria Eduarda Daltro: falta de rotina, respeitar os limites e se reinventar

Maria Eduarda, 16 anos, é natural de Várzea Alegre e estuda na Escola Estadual de Educação Profissional Dr. José Iran Costa, no curso de informática. Este ano, está cursando o terceiro ano do ensino médio, com a responsabilidade e a pressão do vestibular. A estudante carrega o sonho de se formar em medicina e se tornar pediatra, porém, a quarentena trouxe alguns obstáculos que atrasam a realização desse objetivo.

Antes da pandemia, Maria Eduarda permanecia na escola das sete da manhã até às cinco da tarde, assistindo nove aulas por dia, com pausas apenas para almoço e lanche. Ao chegar em casa, seguia estudando focada no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). A estudante conta que aproveitava os horários de descanso na escola para adiantar as atividades e ter o tempo livre à noite para estudar pelo curso on-line pré-vestibular que assinou. Além

disso, aos sábados ela ainda tinha aulas do curso de inglês no Iguatu.

Porém, a realidade de Maria Eduarda mudou completamente com a quarentena. Com as aulas suspensas por tempo indeterminado, sua escola decidiu ofertar aulas remotas on-line durante esse período. Durante o dia, ela passou a se dedicar ao Enem, revisando assuntos do ensino médio e assistindo as aulas no curso on-line. Pela noite, se concentra nos assuntos da escola, vendo as aulas e resolvendo os exercícios enviados pelos professores.

As aulas ofertadas pela escola, referentes aos conteúdos do terceiro ano, são publicadas na plataforma Google Sala de Aula e divergem na metodologia, que fica a critério de cada professor. Segundo ela, alguns professores utilizam slides e gravam vídeos ou áudios explicando o conteúdo, para depois passar as atividades para os alunos. Mas, a estudante explica que a maioria deles aplica apenas às atividades sem oferecer nenhum conteúdo de explicação antes.

A nova forma de ensino tem afetado diretamente na aprendizagem da estudante, que vem encontrando algumas dificuldades. Maria Eduarda não possui um local apropriado para estudar e, além disso, acredita que o fluxo de atividades está sendo maior do que nas aulas presenciais, o que acaba sobrecarregando-a. "Agora tá sendo pior do que com aula presencial, porque os professores estão enchendo a gente de atividades. E não está sendo muito efetivo, são só dois ou três professores que passam videoaulas explicando antes de passar atividade, o resto fica passando atividade sem os alunos nem saber do conteúdo."

A falta de uma rotina fixa tem atrapalhado o foco da aula. Ela conta que a maior dificuldade é não ter uma rotina certa, porque não são todos os dias que os professores mandam uma atividade ou uma explicação. Antes, na escola, todos os dias eles tinham explicação do conteúdo e recebiam atividades, tornando o fluxo de estudos mais rápido e, consequentemente, mais efetivo.

Em relação à qualidade do ensino remoto, a opinião é que a aprendizagem está sendo prejudicada: "Na minha opinião tá sendo muito prejudicial, eu tô estudando mais pelo cursinho do vestibular, mas pro terceiro ano

em si eu tô estudando menos". Ela conta que há muitos conteúdos que não consegue aprender, por conta da falta da explicação. E que agora, para conseguir resolver as atividades, é necessário realizar pesquisas na internet e assistir aulas pelo Youtube.

Apesar dos pontos negativos, Maria Eduarda também enxerga algumas vantagens nos estudos em casa. Ela acredita que agora seu tempo para os estudos está otimizado, pois consegue conciliar melhor as atividades da escola, do Enem e do curso de inglês. Por não ter que passar o dia inteiro na escola, agora ela consegue se dedicar mais aos conteúdos do vestibular. E, ainda, tem passado mais tempo com sua família, o que antigamente só acontecia aos domingos.

Sobre o Enem, que foi adiado, o sentimento é de preocupação e incerteza. "Eu fiquei muito preocupada porque eu tenho consciência de que vou me prejudicar muito por isso, porque eu acho que as aulas on-line não estão sendo muito eficazes", disse. Mesmo com a nova

EU FIQUEI MUITO PREOCUPADA PORQUE EU TENHO CONSCIÊNCIA DE QUE VOU ME PREJUDICAR MUITO POR ISSO, PORQUE EU ACHO QUE AS AULAS ON-LINE NÃO ESTÃO SENDO MUITO EFICAZES

forma de ensino deixando a desejar, ela conta que independente da data ou de qualquer outro fator, pretende fazer o Enem.

Diante de tanta insegurança, a escola teve a iniciativa de promover um debate virtual com alunos e psicólogos para falar sobre saúde mental. A estudante relata que muitos dos seus colegas afirmaram que não estavam sendo produtivos, porque mesmo com muito tempo, a disponibilidade ainda é pouca. Em alguns casos,

há muito barulho em casa, há necessidade de ajudar com os trabalhos domésticos e tem discussões com a família. Além disso, também reclamaram que se sentem sozinhos e pediram para as atividades serem mais dinâmicas, para a sala se conectar mais e sentir o apoio uns dos outros.

Maria Eduarda acredita que a quarentena foi um momento de reflexão sobre a vida como um todo. “As memórias que eu vou levar da quarentena é sobre como a gente sente falta dos amigos, como às vezes a gente tem preguiça de sair e de estar com as pessoas, mas no fim, percebemos que elas fazem falta. Eu também vou lembrar que foi bom por eu ter um tempo para estudar e descansar, por não ter que ficar naquela correria. Tô aproveitando o tempo para ficar mais com minha família, para estudar sem tanta pressão. E isso tudo eu vou lembrar, principalmente, como a gente tem que valorizar nossas companhias e amizades, porque faz falta.”

Apesar das novas dificuldades que têm enfrentado diariamente para manter os estudos, ela sempre soube que não seria fácil realizar seu sonho. Emocionada, relata que não pensa em desistir, pois desde pequena sempre gostou muito de crianças e carrega o sonho de ser pediatra até hoje. “Sinceramente, eu não sei se vou conseguir, principalmente agora porque nem estudando direito eu estou. Mas eu tenho esse sonho e me agarro a fé de que um dia vai dar certo e vou realizá-lo”.

Nara Rayssa: saúde mental, solidão e déficit de aprendizagem

Nara Rayssa, 19 anos, mora no Crato e é estudante do sexto semestre do curso de psicologia no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. Ela cumpre estágio no Centro de Referência de Assistência Social do Timbaúbas (CRAS), em Juazeiro do Norte. Na correria do dia a dia, precisa conciliar estudos, ajuda em casa e seu tempo de descanso. Durante o período da quarentena, ela tem enfrentado dificuldades para se



Nara Rayssa, 19, estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio em Juazeiro do Norte

concentrar nos estudos e manter sua saúde mental estável.

Antes da pandemia, a estudante ajudava com as tarefas de casa pela manhã e, geralmente, permanecia na universidade estudando durante o resto do dia, dedicando-se às atividades da graduação pela tarde e às aulas pela noite. Com exceção de algumas segundas-feiras à tarde, em que a aluna se locomovia para o CRAS, onde cumpre a carga horária do estágio. Assim, diariamente ela mantinha uma rotina ocupada e agitada.

Diante da pandemia, em que os encontros presenciais nas salas de aulas foram proibidos, a sua universidade decidiu ofertar aulas on-line, visando não deixar seus alunos desamparados durante esse período de paralisação. No ambiente virtual, os estudantes têm acesso ao conteúdo teórico de todas as disciplinas dos cursos ofertados pela instituição. A carga horária prática, por sua vez, será reposta após o período

dificuldade está sendo em relação a sua saúde mental, porque tem dias que não consegue lidar com a demanda pessoal e com os problemas, e mesmo assim, tem que ouvir que precisa estudar e ser sempre produtiva.

Com tantos obstáculos, as aulas não estão sendo legitimamente eficazes do ponto de vista da aluna. Segundo ela, são poucas as vezes que tem segurança para afirmar que aprendeu algo. Ela relembra que já encarou o ensino à distância em outro momento da sua vida, quando fazia cursinho pré-vestibular, mas a experiência foi diferente: "já passei por ele na época do cursinho, mas era em medidas diferentes, eu tinha aulas presenciais todos os dias e o que eu fazia era utilizar videoaula como apoio para eu fixar mais o conteúdo e não ter a videoaula como minha referência principal."

Além disso, acredita que há uma dinâmica dentro da sala de aula que faz falta no âmbito on-line e que afetará o desempenho dos

PROVAVELMENTE, NO PRÓXIMO SEMESTRE, A SALA COMO UM TODO VAI SENTIR MEIO QUE UM DÉFICIT DE APRENDIZAGEM

de isolamento social orientado pelas autoridades e órgãos de saúde, como é o caso dos estágios.

Nara conta que houve uma fase de adaptação tanto dos professores quanto dos alunos para a nova forma de ensino funcionar. As aulas acontecem através da plataforma Zoom, onde são realizadas videochamadas ao vivo, no mesmo horário das aulas normais, com os professores explicando os conteúdos através de slides. Posteriormente, as aulas são publicadas na plataforma digital da instituição para os alunos que não tiveram acesso ao vídeo ao vivo. Entretanto, ela ressalta um dos empecilhos desses estudos: "se uma pessoa não tem internet, ela não vai ter acesso de nenhuma forma."

A estudante conta que as dificuldades para manter os estudos durante a quarentena são o espaço, pois não tem um lugar adequado para estudar; e a nova rotina, que ela ainda não se adaptou completamente. Mas aponta que a maior

estudantes como um todo: "provavelmente, no próximo semestre, a sala como um todo vai sentir meio que um déficit de aprendizagem". Nara ainda avalia a situação das aulas on-line como uma redução de danos e não uma solução permanente a longo prazo, já que não consegue imaginar um curso de psicologia com ensino à distância.

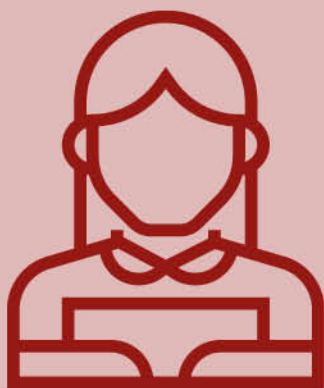
Ela revela que durante esse período também se deparou com a solidão. Na sua rotina agitada, Nara sempre estava em contato constante com amigos, professores e colegas, o que é diferente da sua realidade no isolamento social, em que está se sentindo muito sozinha. Para lidar com isso, ela assiste filmes junto com seus amigos na plataforma do Netflix Party, faz videochamadas com várias pessoas e até comemorou aniversários virtualmente.

A estudante conta que na quarentena ainda se descobriu enquanto pesquisadora. Ela assinala



No MUNDO, **826 MILHÕES DOS ALUNOS** NÃO TÊM ACESSO A UM COMPUTADOR EM CASA.

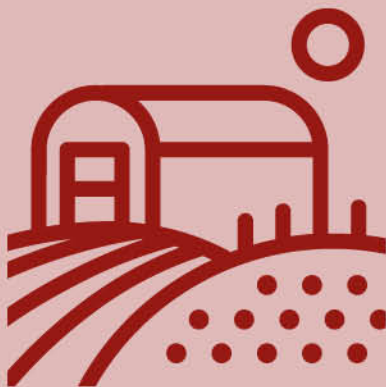
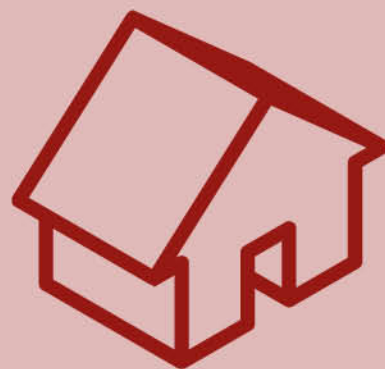
DE ACORDO COM A UNESCO, QUASE **706 MILHÕES** NÃO TÊM LIGAÇÃO DOMÉSTICA DE INTERNET.



No BRASIL, **52,8 MILHÕES DE ALUNOS**, DA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO SUPERIOR, FORAM AFETADOS PELA PANDEMIA.

58% DOS DOMICÍLIOS BRASILEIROS NÃO TÊM ACESSO A COMPUTADORES E **33%** NÃO DISPÕEM DE INTERNET*.

*Segundo pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil, divulgada em 2019.



OS DADOS APONTAM AINDA QUE, NAS ÁREAS RURAIS, **43% DAS ESCOLAS** NÃO TÊM ACESSO À INTERNET.

que sempre teve o desejo de adentrar no mundo da pesquisa científica mas nunca tinha o tempo necessário e agora, consegue ler artigos, pesquisar e dedicar mais tempo a esses estudos. Também foi um momento de reavaliação sobre a cobrança a si mesma, para entender seus limites nos estudos: “eu percebo que agora consigo me respeitar no momento de entender se eu consigo ou não fazer determinada coisa. Eu já me coloquei muito no limite para fazer coisas que eu não deveria ter feito, não deveria ter me colocado nessa situação para poder realizar ou produzir algo.”

Sobre as memórias e os aprendizados do isolamento social, Nara acredita que foi um momento para autoconhecimento. As memórias que vai levar são de um entendimento maior de si. Ela acredita que, provavelmente, esse foi o processo que mais lhe marcou em relação a conhecimento, “conhecimento de como lidar e como se reinventar em um momento complicado como esse da pandemia, e também, de entender que está tudo bem não

suportar toda a situação ou não suportar esse processo de ensino à distância.”

Por fim, sobre o cenário do isolamento social no Cariri, a estudante relata que “eu acho que vou lembrar muito da visão panorâmica sem pessoas na rua e depois com a aglomeração, ver as pessoas todas de máscaras, ver as mulheres trabalhando e debulhando o feijão de máscaras no meio da rua, que são cenas que eu não esperava que ia ver na minha vida. Mas também a memória de que foi um momento em que eu tive mais um conhecimento pessoal. São memórias que dependendo da perspectiva, você encara como boas ou ruins. Mas são memórias e elas estão vivas e vão continuar vivas.”

Matheus Fersanto: clima de estresse e ansiedade

Matheus Fersanto, 20 anos, é natural de Nova Olinda e cursa o sétimo semestre de Jornalismo na Universidade Federal do Cariri. O ano de 2020 seria o último de Matheus na faculdade, que se



Foto: Acervo Pessoal

Matheus Fersanto, 20, estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Cariri em Juazeiro do Norte

TÃO IMPORTANTE QUANTO BUSCAR E APLICAR SOLUÇÕES, É GARANTIR QUE ELAS ESTEJAM EM SINTONIA COM A AMPLA GARANTIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, GRATUITA E DE QUALIDADE

formaria e encerraria esse ciclo da sua vida. Porém, com a paralisação das aulas presenciais de todas instituições na quarentena, a formatura do estudante vai sofrer atraso, causando prejuízos além do campo da sala de aula.

No dia a dia, Matheus divide o seu tempo entre os afazeres domésticos cotidianos, os estudos em casa, leituras e as aulas da faculdade. Por morar distante do campus da universidade, ele precisa se locomover durante um longo tempo para chegar até o local, o que deixa sua rotina ainda mais agitada. Em alguns dias da semana se dedica a outras atividades relacionadas aos projetos e ações da universidade. Porém, a quarentena acarretou inúmeras mudanças na vida dele.

Matheus conta que no início da paralisação foi um período de aguardar o posicionamento oficial da instituição, de acompanhar a situação da pandemia no mundo todo e de ver também o posicionamento das autoridades de saúde, para então decidir como agir. Inicialmente, a Universidade optou por parar as aulas e manter apenas as atividades dos projetos. Então, ele decidiu reorganizar sua rotina de estudos e repensar como continuaria o andamento de ideias durante esse momento.

Pouco a pouco ele foi reorganizando essa rotina, para conseguir manter os projetos e ações que tinha em mente e continuar adiantando assuntos das disciplinas que estava estudando. Mesmo com as aulas suspensas durante seis meses, a Universidade continuou com ações e

projetos, e ele faz parte de um destes, o projeto de cultura Laboratório de Cultura e Visualidades.

Na readaptação de sua rotina de estudos, ele procurou manter os mesmos dias e horários que já faziam parte do seu cotidiano. Apesar disso, revela que foi um desafio pois mesmo estando sempre em casa, às vezes não tinha a dimensão do tempo passando. Com essa percepção diferente, sua capacidade de gestão do tempo acabou sendo afetada, assim, ainda não sabe como se organizar em relação a isso.

Essa é uma das principais dificuldades que Matheus tem enfrentado: o tempo. "Agora aparentemente parece que a gente ganhou uma fartura repentina de tempo, como se a gente pudesse fazer todas as tarefas que a gente sempre quis fazer e isso é complicado", disse. Ele acredita que isso traz uma ideia de que nós temos que ser produtivos o tempo todo e acaba sendo difícil conciliar isso com o clima de estresse e ansiedade que a pandemia gera nas pessoas. "Manter uma rotina equilibrada é um desafio".

Após seis meses com as aulas paralisadas, a UFCA disponibilizou um semestre letivo especial para os estudantes. Matheus se matriculou em duas disciplinas e espera que "seja possível criar um ambiente propício para que as aulas ocorram razoavelmente da melhor maneira possível". Ao avaliar a situação do ensino remoto, ele acredita que aulas à distância podem ser cansativas, principalmente pensando no contexto que estamos vivendo.

Ele ainda percebe que esse momento da pandemia coloca cada vez mais em evidência as desigualdades sociais e tende a aprofundá-las, já que nem todos podem estudar dessa maneira, pois falta a garantia de acesso a meios e recursos para isso. Por isso, considera que é um momento interessante e urgente para destacar cada vez mais a necessidade de mudanças sociais. "Tão importante quanto buscar e aplicar soluções, é garantir que elas estejam em sintonia com a ampla garantia da educação pública, gratuita e de qualidade", acrescenta.

Pensando em tirar alguma lição dessa experiência, Matheus acredita que é possível que isso reafirme o compromisso e autonomia dos estudantes. "Eu acho que todo estudante



Pátio da Universidade Federal do Cariri durante a pandemia da Covid-19 em Juazeiro do Norte

já mantinha, na medida do possível, uma rotina de estudos domiciliar, mas é muito melhor poder realizar encontros presenciais para poder conversar, debater, tirar dúvidas”. Ele avalia que agora, mais do que em qualquer outro momento, as pessoas percebem o quão interessante é poder estar presencialmente junto de outras pessoas.

Sobre como está lidando com as preocupações e ansiedade decorrentes da pandemia, o estudante diz que o receio de sair na rua e de não poder encontrar com as pessoas é angustiante. Mas, uma das coisas que lhe tem possibilitado enfrentar essa situação toda da melhor forma possível é justamente se ocupar com as atividades e projetos. Para descansar e afastar esse sentimento de angústia e medo, Matheus também tem procurado ler, ouvir músicas e fazer algumas pausas nos estudos para descansar.

Em relação aos seus planos para o futuro, ele prefere não se preocupar tanto com o que vai acontecer, para evitar gerar ainda mais ansiedade e estresse. “É um momento em que eu acho que todos e todas tinham planos, tinham programado alguma coisa mas isso teve que ser interrompido por uma circunstância maior”. Ele defende que é uma oportunidade para exercitar a paciência e fazer uma coisa de cada vez, aproveitando esse momento para refletir melhor sobre planos e projetos.

Por fim, Matheus acredita que a quarentena é um momento de muita reflexão e que as memórias que vai levar desse período são, na verdade, questionamentos. “Questionamentos sobre o mundo, sobre a vida, sobre o que esse momento significa, que implicações ele tem não só na minha vida mas na vida de pessoas próximas a mim e também na vida de várias outras pessoas. Sem dúvida também tem um certo pesar, porque é uma situação dramática no mundo inteiro e além disso temos várias problemáticas no nosso país como um todo. São muitas informações, muitos acontecimentos para processar e ponderar ao mesmo tempo. Esse é, ou pelo menos deveria ser, um momento de mudanças. Eu gostaria que fossem mudanças positivas, mas só o tempo dirá.”



Desde março de 2020, a Universidade Federal do Cariri teve suas atividades paralisadas



A educação nas ondas virtuais

Por Renata Bitu*

Professor, segundo o dicionário, é aquele que ensina, ministra aulas (em escola, colégio, universidade, curso ou particularmente); mestre. Todavia, o exercício do professor se estende a muito mais que isso.

Professores são heróis anônimos, que todos os dias, vestem-se de si mesmos, para uma batalha que o país tenta invisibilizar desde que se começou a falar e viver educação. Em uma definição mais metafórica, porém, real, professores são heróis que vestem suas coragens, armam-se com suas espadas diferentes, com seus escudos nunca vistos, com suas capas transparentes e armas invisíveis, vão fazendo história, construindo um futuro, cuidando de uma pátria.

Posso subscrever segura esse discurso, pois ele nunca foi tão definido em ação, como nesse deserto que o mundo atravessa por consequência de um vírus, que através da invisibilidade, quer combater a nossa coragem, nossa aproximação, nosso tráfego, nossos toques, as nossas demonstrações de amor pelo tato.

Acordamos no dia 18 de março deste ano, dando início a um combate atípico, que mostrou-nos verdadeiramente, que professores se travestem do que a causa exige, por amor e

coragem, pois segundo Paulo Freire, "ensinar é um ato de amor, por isso, um ato de coragem".

E nesse "era uma vez", mais uma travessia fora imposta, mais um combate, entre tantos, que a educação passou a vivenciar. Embora seja bem verdade, que a educação vence todos os dias batalhas invisíveis, para que o conhecimento e a afetividade chegue àqueles que esperam pelas suas transferências de saberes.

Por suas crianças e alunos, professores enfrentam o cansaço, o salário injusto, as resistências, o trânsito, a falta de empatia, as barreiras, o sistema e afins. E quando não podem mais vencer a distância, professores vencem o medo, o desconhecido, a insegurança, a timidez, a falta de privacidade e apresentam-se para o novo modelo de ensino, o remoto.

Reinventando-se todos os dias, usam pincéis, quadros, livros, mas também usam o computador, a câmera, o microfone, as gambiarras, o pendrive, as luminárias, as caixinhas de som, o tripé, os diferentes cenários, e adentram nos lares brasileiros de uma forma mais direta.

E vai, liga a câmera, carrega o notebook, procura um lugar silencioso (e difícil de ser encontrado), ora pra internet não cair, baixa todos os aplicativos de edições do mundo, sorri e



apresenta-se ao mundo docente virtual. E aquele que já era tanto, agora por trás do educador, há também um youtuber, videomaker, especialista em live, controlador de chats, preparando-se todos os dias para ir para o mundo.

Esse é o ensino remoto, uma nova modalidade educacional que fora atribuída aos profissionais da educação de forma inesperada e involuntária. Tanto supracitei o professor, por considerá-lo a ponte indispensável para a continuidade na construção do ensino que já vinha acontecendo.

O educando sempre deve ser visto como o protagonista da educação, logo, é o professor que prepara os caminhos que serão trilhados. Todavia, é importante pautar, que todo aquele que vivencia educação, teve que adaptar-se às novas exigências e vivências do ensino remoto.

Neste ensino, sem dúvidas, é necessário um alinhamento eficiente entre os profissionais que compõem as secretarias de educação, gestores, professores e família. Embora a cultura digital seja uma nova competência da Base Nacional Comum Curricular, e deve, por sua vez, ser introduzida no campo escolar, não tem sido fácil como parece.

Toda a equipe deve trabalhar junta, em prol de um afazer eficiente. Trazendo como exemplo de concretização do ensino remoto com qualidade, descrevo o trabalho feito pela equipe da secretaria de Educação do Município de Várzea Alegre, a qual trabalho como orientadora de estudo. O grupo, formado pelo secretário Antônio Fernandes de Lima e sua equipe pedagógica, gerente do Programa Aprendizagem na Idade Certa (MAISPAIC), técnicos formadores, técnicos

em audiovisual, editores e outros profissionais, apostou na criação de uma equipe que daria suporte ao ensino remoto do município.

Assim, os vídeos das aulas são gravados em estúdios por alguns professores e analisados por formadores, que preparam os encaminhamentos pedagógicos, todos norteados na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC), sendo colocados em um canal no YouTube, para os professores encaminharem às famílias e chegarem até aos alunos.

É bem verdade que nunca o ensino à distância terá a mesma eficiência que o ensino presencial, principalmente para crianças da educação infantil, que tem como eixos norteadores as brincadeiras e interações, e necessitam de afeto, do olhar aproximado e das experiências compartilhadas que jamais serão tão vivas e verdadeiras como vivenciadas presencialmente.

O ensino, a troca, as experiências vêm acontecendo, e nas ondas virtuais, a educação surfa com superação, pois como afirma João Guimarães Rosa, "mestre é quem de repente aprende". E nessa nova construção de ensino, é preciso que a cultura do Ubuntu, firme-se mais fortemente entre os que fazem educação e a família. "Eu sou porque nós somos."

Enfim, diante de tudo, é importante entender que o que for feito será bem quisto, nesse momento tão difícil, pois é certo que tudo é recuperável, menos a vida, e que saíamos dessa mais cientes ainda, que educar, vai além do ensino, é preparar pra vida, pois a alma do educador, "professonha", sempre. 🍷

* Orientadora de estudo da Secretaria de Educação Municipal de Várzea Alegre





RABECAS, ORATÓRIOS E PANDEMIA

Desde março, quando foi confirmada a primeira morte no país por covid19, em pouquíssimo tempo o vírus atingiu as demais regiões do Brasil, chegando ao Nordeste. Em abril foi confirmado o primeiro caso da doença em Juazeiro do Norte, logo o poder público traçou inúmeras estratégias para conter o avanço do vírus, a principal delas foi o isolamento social com o intuito de evitar aglomerações. Dia após dia a pandemia foi se agravando e modificando a rotina de todos. No caso dos artistas não foi diferente, a categoria foi uma das mais prejudicadas. Os espaços artísticos foram fechados, o que dificultou bastante a vida financeira de toda aqueles que se dedicam às artes. E o que dizer dos grupos de tradição - reisado, bacamarteiros, maneiro pau, banda cabaçal, entre outros? A Memórias Kariri conversou com um dos músicos mais conhecidos da região, Francisco Ferreira de Freitas filho, mais conhecido por DiFreitas – o alumioso.

Por: Natália Oliveira

Ele tinha contrato de trabalho temporário com o Estado, mas que, diante do Coronavírus, não foi renovado. Para sobreviver, passou a fabricar rabecas e oratórios de papelão para vender e também a dedicar a agricultura. “Eu

postava as fotos, o pessoal gostava aí nesse período eu vendi instrumentos e oratórios”.

Nascido em Fortaleza no dia 12 de agosto de 1965, Difreitas chegou a Juazeiro do Norte



Foto: Acervo pessoal

Difreitas em apresentação com a sua rabeca.



Além de rabequeiro, Difreitas é luthier e educador.

no final dos anos 1990. Ele é um dos maiores expoentes da cultura caririense. Artista de muitas facetas - luthier, rabequeiro e educador - possui em seu currículo diversos serviços prestados ao município. Junto com a sua esposa, Claudia Moreira, é fundador da Orquestra Armorial do Cariri e da ONG AVBEM (Associação dos Voluntários para o Bem comum) com sede no Horto. Leia trechos da entrevista.

Por que “Alumioso”?

É uma referência ao Ariano Suassuna (escritor e dramaturgo paraibano autor de “O auto da Compadecida”), a um personagem de um livro dele: Sinésio – O Alumioso.

Como ocorreu a sua formação musical?

Eu sou de uma formação acadêmica que é tudo fechadinho. Eu estudei no conservatório de música. Você tem que sentar assim, pegar no instrumento assim, tocar assim, o instrumento tem que ser assim e tal... tudo tem um padrão

e tudo é europeu. Você tem que sentar e tocar igual um alemão ou francês. É tudo assim. Aí quando eu cheguei aqui eu vi que a arte não precisa disso pra ser arte. A arte se adapta a pessoa e ao ambiente em que ela existe. O artesão usa o que tem. O músico, o rabequeiro, o sanfoneiro se adapta ao que tem. Se tem isso faz, se não tem, faz com outra coisa. Então eu adotei isso pra mim. Essa liberdade de criar com o que tenho à mão.

Juazeiro do Norte teve muito influência no seu processo criativo?

Juazeiro é uma cidade que instiga a criar. Comecei a tirar foto, aí passei a fazer artesanato, a pintar e fiz curso de desenho com Karimai (artista plástico e sociólogo). Eu procuro fazer tudo que eu vejo, sabe... porque eu acho tudo muito bonito aqui. Aí eu quero fazer. Em Juazeiro, a arte é acessível. Não é só pra intelectuais, só pra quem estudou... é uma coisa do cotidiano. Você ver uma pessoa fazendo, você pensa: eu

posso fazer isso! Também passei a filmar e a trabalhar com filmagem.

Você é um artista com projeção internacional, não é mesmo...

A primeira viagem foi para a França. Fui duas vezes pra lá. Quando um comerciante francês veio ao Cariri fazer compras de artesanato pelo Sebrae, viu as minhas peças, gostou e me chamou pra ir pra lá. Aí o Sebrae me deu as passagens. Fui pro Chile através do governo do Estado e para Istambul, na Turquia. Lá passei 15 dias fazendo shows nas universidades. Também fui pra Budapeste - capital da Hungria, tocar numa escola de folclore que tem lá.

Como você se interessou pelas rabecas?

Quando cheguei aqui há 20 anos, eu me encantei com a rabeca pelos rabequeiros e vi a necessidade de manter essa tradição da rabeca. Quis ensinar a tocar pra manter essa tradição. Mas não tinha instrumentos, não existia rabeca pra vender no comércio. Então tive que aprender a fazer. Aí não tinha dinheiro pra comprar material, então tive que procurar um material que tivesse na região. A cabaça foi esse material. No início usei muito pra fabricar os instrumentos. Passei mais de 15 anos usando cabaça.

A pandemia mudou seu cotidiano?

Tô mexendo com terra e plantas. Sempre gostei, mas passei a fazer agora por conta da pandemia. Também comecei a fazer oratórios de papelão, pra trabalhar com os mestres dos reisados pra gerar renda pra eles. Porque muitos mestres de reisado são catadores de lixo. Alí no bairro Mutirão tem uns três ou quatro que são catadores. Eles andam nas ruas catando lixo. Aí eu pensei: se é pra catar é melhor pegar o que eles catam e produzir, dar outro significado pra aquele lixo que eles catam - que são as caixas de papelão, mas aí não se interessaram por essa coisa de aprender. Eles preferem tá na rua.

Nesses últimos meses, quais foram as dificuldades que surgiram em consequência da pandemia?

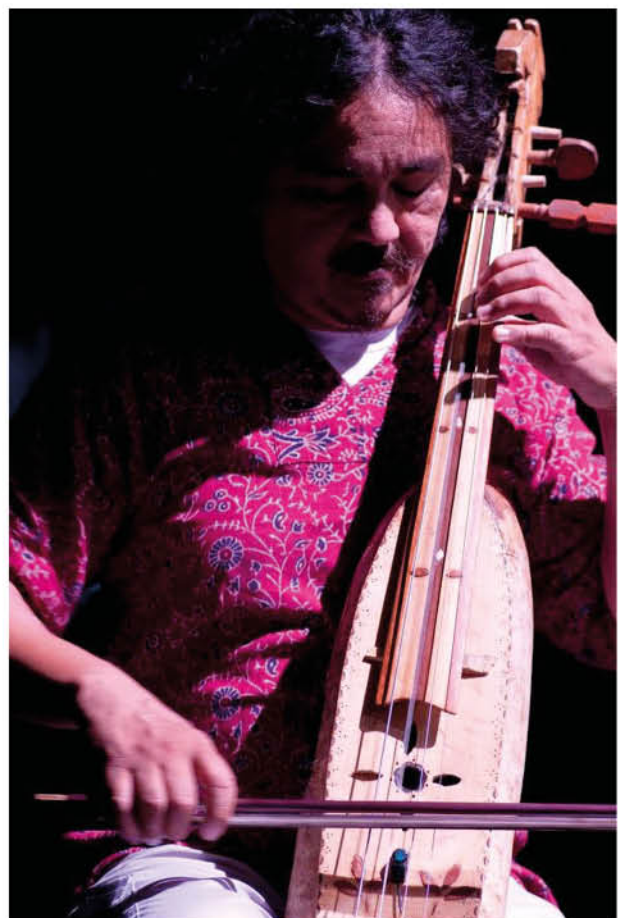
Um pouco antes da pandemia a cabaça sumiu. Porque ela precisa ser plantada e pra isso precisa de inverno. Sem inverno não tem quem plante. Também não tem mais o comércio grande como tinha antes. Então eu tive que me adaptar de novo, né (risos). Como vou fazer instrumentos



Para manter a tradição da rabeca viva, Difreitas teve que aprender a fazer o instrumento.



Como não tinha dinheiro para comprar o material para fazer as rabecas, Difreitas utilizava cabaças como matéria-prima.



Difreitas já realizou apresentações em países como Chile, Turquia e Hungria.

e música se não tem material? Então desde o início do ano passei a usar papelão pra fazer instrumentos. Não tinha mais cabaça e eu precisava de dinheiro (porque sou funcionário temporário do Estado). O contrato temporário acaba em dezembro e é renovado em março. Só que além de não ter sido renovado veio a pandemia. Então passei uns cinco meses sem receber salário, por esse motivo tive que me virar. Comecei a fazer instrumentos nesse período e vendi bastante. Eu não gosto de vender instrumento. Eu faço, me apego a eles e prefiro deixar pendurados. Mas nesse período eu vendi. Eu postava as fotos, o pessoal gostava aí nesse período eu vendi bastante instrumento, vendi oratórios... só que os oratórios eu também não gosto de vender, mas como eu postava fotos as pessoas achavam bonito e compravam e assim eu fui me mantendo até o estado regularizar a minha situação.

Como você vê a cultura local?

Juazeiro é essa escola que ensina a gente a se adaptar, sair desses padrões que existem de fazer arte. Em 2005, quando eu e minha esposa criamos a ONG e a orquestra de rabecas (Orquestra Armorial do Cariri), na primeira reunião com os pais dos alunos eu falei que a gente tava começando um projeto, mas que não era pra cá. Juazeiro nunca ia reconhecer. Isso há 15 anos. E realmente até hoje a gente viaja pra tudo que é lugar, recebe convite pro exterior, São Paulo e Rio de Janeiro direto, mas Juazeiro... na realidade em todo lugar é assim. As pessoas nunca vêem o que tá próximo. Quem é de casa nunca... é comum, né? Você ver um reisado todo dia, aquilo é comum. Não interessa saber a história daquele reisado. Pra quem é de fora o olhar é diferente, se encanta e quer conhecer. É uma lei universal.

Hoje mudou um pouco porque essa administração tá um pouquinho melhor. A equipe é muito boa. Pessoas que vieram de Fortaleza e Sobral. Pra eles aqui é um lugar diferente.

Quais as ações desenvolvidas pela AVBEM?

Trabalhamos com a tradição de Juazeiro, registrando os artistas e grupos, desenvolvendo ações musicais. Eu e minha esposa construímos uma casa no Horto. Fizemos toda a parte jurídica,

JUAZEIRO É ESSA ESCOLA QUE ENSINA A GENTE A SE ADAPTAR, SAIR DESSES PADRÕES QUE EXISTEM DE FAZER ARTE

criamos o espaço físico pra oficializar e concorrer aos editais. Lá tem várias ações de música, tá tudo parado agora devido a pandemia, mas tem bastante coisa de música, cinema... A gente pega o material que registra dos mestres e manda pros editais. A dona Maria do Horto, mestre expedito que foi contemplado agora, o mestre Tico do reisado... A gente sabe a importância que essas pessoas têm, reconhece todo esse valor deles, e é como se fosse uma obrigação da gente de mandar o material desse pessoal. Porque eles não são reconhecidos aqui. A gente criou essa ONG que era pra ser uma associação para desenvolver o voluntariado, mas as pessoas não se interessam por isso. Então quem faz as coisas sou eu mesmo. Sou eu quem registro, faço os projetos, corro atrás pra resolver as coisas...

Que lições você tira da pandemia?

A pandemia serviu pra ver o déficit enorme que o Estado tem com as pessoas e principalmente com a cultura popular, com a oralidade. Pela primeira vez, Juazeiro lançou um edital só pra tradição, e um edital simplificado que qualquer pessoa poderia fazer. Esse vírus serviu muito pra isso, pra as pessoas verem essa fragilidade que existia (e ainda existe) e que era preciso fazer alguma coisa porque a oralidade é outra realidade, não pode ser o mesmo padrão pra todo mundo. Ela deve ser pensada diferente. Nesse período aconteceu isso. O governo do estado fez projetos para arrecadar dinheiro e alimentos pro pessoal da festa de Santo Antônio. Então essa pandemia tá sendo um período difícil, mas também abriu um leque que eu espero que continue aberto após esse período. O estado abriu vários editais, o Itaú, a FUNARTE, o CCBNB e assim as pessoas vão se "rebolando".

Em tempos de pandemia, literatura!

Por: Luciana Bessa & Paulo Rossi

Em tempos de isolamento social, a Literatura pode surgir como um importante aliado. Primeiro, porque é cultura, é conhecimento, é saber. Segundo, porque é preciso utilizar nosso tempo para pensar criticamente, refletir sobre a sociedade e o momento que estamos vivendo, sobremaneira ser solidário com o outro.

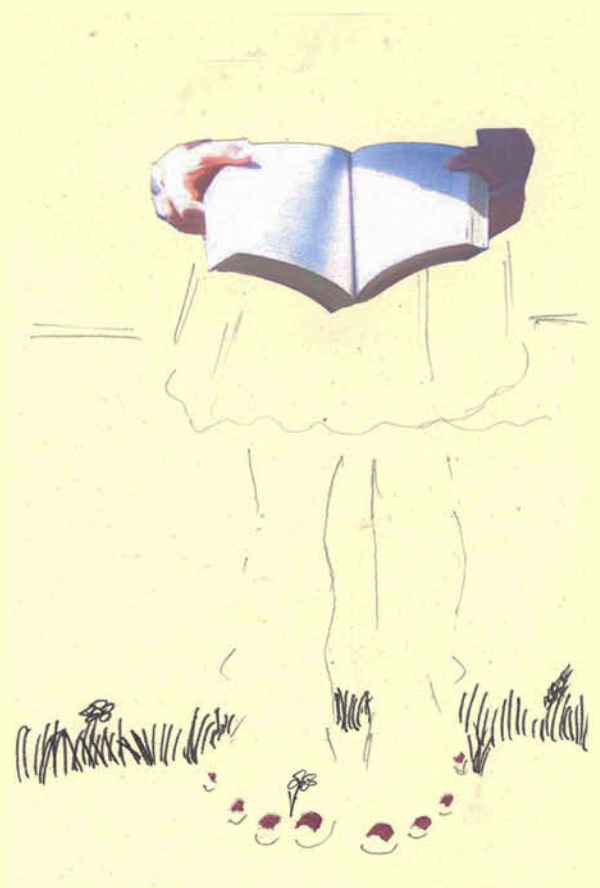
Além disso, através da Literatura também somos guiados para novas possibilidades, porque ela não só aprofunda nossa relação com o mundo, mas ainda nos apresenta novos desdobramentos e novos mundos possíveis. Como todo tipo de Arte, a Literatura está vinculada à sociedade em que se origina. É raro encontrar um escritor "indiferente" à realidade, pois de alguma maneira, ele participa dos acontecimentos vividos pela sociedade.

É preciso se informar, é preciso estar atento ao que acontece, mas é preciso também manter-se são em tempos tão difíceis. A Literatura é um meio privilegiado de comunicação. Vale salientar que ela não é essencialmente útil, no sentido de resolver os problemas políticos, sociais e econômicos existentes em nossa sociedade. Mas contribui, essencialmente, para o nosso processo catártico, como escapismo ou como aprofundamento para entender melhor questões humanas, questões da vida. Para isso, nada melhor do que a Literatura, já que ela nos ajuda a desenvolver a imaginação, a criatividade, o senso ético e o senso estético.

Podemos pensar, ainda, em Literatura como possibilidade de encontro. Já que a

COVID-19 nos obriga a manter distância, nada como esquentar o coração com personagens, narrativas históricas, romanescas ou policiais e poesias. Nada como encontrar tantas riquezas e até compartilhá-las através, por exemplo, das redes sociais. Por que não?

A Literatura não resolve os problemas sociais, não faz girar a economia do país, não adia a data do ENEM, tampouco acaba com a pandemia, mas ainda assim, parafraseando o poeta português Fernando Pessoa "se sua alma não é pequena, leia Literatura, porque vale a pena". A Literatura com sua linguagem potente e singular nos fortalece com suas histórias, nos conecta com outras culturas, nos aproxima, no momento, virtualmente de outros leitores, torna o nosso tempo menos ocioso e preenche nossa mente de esperança de que tempos difíceis sempre existirão, mas passam.



Colagem: Wolf G. | <https://www.flickr.com/photos/39559585@N00/3957875743>



UFCA

UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Pró-Reitoria de Cultura
Pró-Reitoria de Extensão

